



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

3º Trimestre de 2016



Fortaleza – Ceará
Dezembro de 2016

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Hugo Figueiredo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis – Diretor de Estudos Econômicos

IPECE Conjuntura – 3º Trimestre – jul.set. de 2016

Equipe Técnica

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

José Freire Junior

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 3º trimestre de 2016.

Neste documento, foram feitas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais serviram de parâmetros para o desempenho da atividade econômica do Estado do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir dos três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços, com ênfase, neste último, no comércio varejista (comum e ampliado). Mercado de trabalho a partir de dados da PNAD contínua e Emprego Formal com dados do MTE além de Comércio Exterior e Finanças Públicas são outros tópicos de destaque deste documento.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo da economia cearense.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL, 4

2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 6

3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 13

4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 15

4.1. Agropecuária, 15

4.2. Indústria, 19

4.3. Serviços (Comércio Varejista), 26

5. MERCADO DE TRABALHO, 33

5.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 33

5.2. Emprego Formal, 356

6. COMÉRCIO EXTERIOR, 41

7. FINANÇAS PÚBLICAS, 47

8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 51

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.
Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O crescimento da economia mundial para o ano de 2016 apresenta uma estimativa de 3,1%, conforme dados do FMI, em outubro de 2016. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.
- Na economia brasileira, os resultados trimestrais seguem com desempenho negativo. Nesse terceiro trimestre de 2016, o recuo foi de -0,8% em relação ao trimestre anterior. Ressalte-se que tanto os grandes setores do lado da oferta como os componentes da absorção doméstica e setor externo apresentaram desempenho negativo.
- A economia cearense, no terceiro trimestre de 2016 com relação ao mesmo período de 2015, registrou uma queda de 1,23%, apresentando uma queda bem inferior ao registrado no terceiro trimestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014, onde verificou-se um decréscimo de 7,22%.
- O setor agropecuário cearense vem sentido fortemente o efeito da seca, que já se prolonga por cinco anos. Diante disso, sobressaem-se os efeitos causados por esse cenário, com grave situação hídrica, solos cada vez mais seco e rachado e forte queda na produtividade das atividades do setor.
- Na indústria de transformação, o resultado do terceiro trimestre amarga o décimo período de queda seguida na produção. Nos meses de julho a setembro, a atividade apresentou uma retração de 3,1% em relação ao mesmo período de 2015. Com os últimos números, a manufatura no Estado acumula dois anos e meio de redução consecutiva na produção.
- O varejo segue em queda. No acumulado do ano, tanto o varejo comum cearense (-6,7%) quanto o nacional (-6,5%) apresentaram quedas ainda mais significativas àquelas registradas no ano de 2015. Resultados ainda piores foram observados no varejo ampliado cearense (-11,4%) e nacional (-9,2%). Destaca-se ainda que a forte queda nas vendas do varejo ampliado cearense ocorre a partir de meados de 2015, intensificando-se cada vez mais ao longo do ano de 2016.
- Os resultados dos grandes setores são refletidos no mercado de trabalho. Do terceiro trimestre do ano passado para o terceiro trimestre de 2016 a taxa de desemprego do Ceará cresceu 3,5 pontos percentuais e a do Brasil apenas 2,9 pontos percentuais, o que mostra que o volume de desempregados no Ceará vem aumentando em uma velocidade muito maior.
- Vale destacar a persistência acentuada de perda de vagas de trabalho na construção civil ao longo do ano de 2016 e o fechamento de postos de trabalho na indústria de transformação trimestre após trimestre. O fechamento de vagas nesses setores nos últimos dois anos contrasta com os períodos de forte contratação entre os anos de 2012 e 2014.
- As exportações cearenses cresceram 33,79%, no terceiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período em 2015, influenciadas pelo forte crescimento nas exportações de produtos metalúrgicos (408,5%) e combustíveis minerais (2.000%). Nas importações, o grupo de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos obteve um crescimento de 370,36%, onde passou de uma participação de 16,37%, no terceiro trimestre de 2015, para 55,11% no terceiro trimestre de 2016. Esse elevado aumento está relacionado com o início de funcionamento da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP).
- As “Receitas Tributárias” cresceram 1,6%, enquanto as “Transferências Correntes” decresceram 6,5%. Por conta disso, é possível afirmar que o fraco desempenho do Governo Federal, na arrecadação tributária de 2016, tem afetado negativamente as finanças públicas do Estado do Ceará, dado o menor volume de receitas transferidas para o Estado.

1 PANORAMA INTERNACIONAL

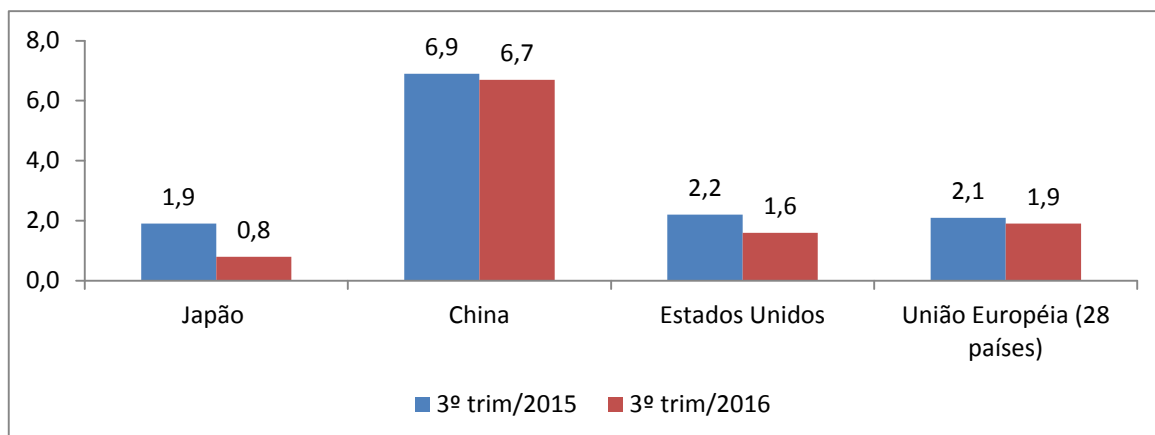
O crescimento da economia mundial para o ano de 2016 apresenta uma estimativa de 3,1%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2016. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) americano no terceiro trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, foi de 1,6%, inferior ao registrado no terceiro trimestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014 (2,2%). Ainda assim, dada essa desaceleração registrada, as taxas de inflação e desemprego permanecem baixas, levando a uma estimativa da taxa de crescimento do PIB dos Estados Unidos em 2016 em torno de 1,6%. Espera-se que a inflação aumente para perto de 2,0% até 2017, mas as medidas das expectativas dos mercados financeiros sugerem uma alta probabilidade de se manter perto de 1,5% entre 2016-2020. Já os riscos associados à saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), ao agravamento da saúde dos bancos europeus e à incerteza sobre o novo governo de Donald Trump levam a incertezas quanto aos juros de curto prazo este ano.

De acordo com os dados da OCDE, o crescimento de 1,9% do PIB da União Europeia no terceiro trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, mostra-se num ritmo extremamente lento em relação aos últimos trimestres, resultado ainda da recuperação da recessão europeia iniciada em 2011. Para os próximos trimestres, as perspectivas para a economia da União Europeia são moderadas em decorrência do Brexit, o qual gera incertezas quanto ao comportamento das trocas comerciais entre o Reino Unido e os países membros da União Europeia.

A economia da China, conforme dados da OCDE, apresentou estimativa de crescimento de 6,7% no terceiro trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, resultado aproximadamente igual ao resultado registrado no terceiro trimestre de 2015, que foi de 6,9%. Esse crescimento foi apoiado pela rápida expansão do crédito e pela aceleração do investimento imobiliário. Vale ressaltar que desde o ano passado o banco central chinês vem cortando sua taxa de juros, em um esforço para impulsionar a economia. Já a economia japonesa apresentou um crescimento de 0,8% no terceiro trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, mostrando que há uma desaceleração da economia em relação ao terceiro trimestre de 2015, quando verificou-se um crescimento de 1,9%. Ainda que o crescimento tenha sido baixo, ele foi influenciado pela ocorrência de aumentos das despesas das famílias, do investimento em capital fixo das empresas e das exportações.

Gráfico1.1: Taxa (%) de Crescimento do PIB – 3º trimestre de 2016 em relação ao mesmo trimestre de 2015



Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.

2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No terceiro trimestre de 2016, o PIB do Brasil registrou uma queda de 2,9% em relação ao terceiro trimestre de 2015 (Tabela 2.1), mantendo um ritmo de queda menor quando comparado ao terceiro trimestre de 2015 com relação ao mesmo período do ano de 2014, quando verificou-se um decréscimo de 4,5%. No acumulado do ano, que compreende o desempenho dos três trimestres de 2016 em relação ao mesmo período de 2015, observa-se uma queda de 4,0%. Já para a taxa anualizada, onde computa-se o crescimento dos últimos quatro trimestres em relação aos quatro imediatamente anteriores, registra-se um decréscimo de 4,4%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Brasil - 3º Trim. 2015 a 3º Trim. 2016 (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2015 (**)	1º Trim. 2016 (**)	2º Trim. 2016 (**)	3º Trim. 2016 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	0,2	-8,3	-6,1	-6,0	-6,9	-5,6
Indústria	-6,4	-7,0	-2,9	-2,9	-4,3	-5,4
Extrativa Mineral	4,0	-9,2	-5,1	-1,3	-5,1	-4,8
Transformação	-12,0	-10,4	-4,7	-3,5	-6,1	-8,0
Construção Civil	-3,8	-5,0	-3,2	-4,9	-4,4	-4,6
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	1,6	3,8	8,7	4,3	5,6	4,4
Serviços	-3,4	-3,5	-2,7	-2,2	-2,8	-3,2
Comércio	-10,0	-10,5	-6,6	-4,4	-7,2	-8,5
Transportes	-7,5	-7,3	-6,0	-7,4	-6,9	-7,5
Intermediação Financeira	-1,0	-1,3	-3,0	-3,3	-2,5	-2,1
Administração Pública	-0,1	-0,1	0,5	0,1	0,2	0,2
Outros Serviços	-3,1	-3,3	-3,9	-2,5	-3,2	-3,4
VA a preços básicos	-3,9	-4,6	-3,0	-2,5	-3,4	-3,8
PIB pm	-4,5	-5,4	-3,6	-2,9	-4,0	-4,4

Fonte: IPECE e IBGE.

Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos Valores Adicionados dos setores, a Agropecuária apresentou uma queda de 6,0% no terceiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período de 2015. Algumas culturas mostraram retração na estimativa de produção anual e perda de produtividade, como milho (-25,5%), algodão (-16,9%), laranja (-4,7%) e cana de açúcar (-2,0%). Por outro lado, as culturas do café (11,0%) e mandioca (3,8%), cujas safras também são significativas nesse trimestre, apontaram crescimento na produção.

O setor da Indústria apresentou no terceiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período de 2015, um decréscimo de 2,9%, registrando um ritmo de queda menor do que o verificado no terceiro trimestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014, quando registrou uma queda de 6,4%. Dentre as atividades que compõem o setor da indústria, a indústria de transformação recuou 3,5%, influenciada pelo decréscimo na produção de máquinas e equipamentos; da indústria automotiva e outros equipamentos de transporte; produtos de metal; artigos do vestuário; produtos farmacêuticos; móveis e equipamentos de informática. A atividade de construção civil apresentou a maior queda (-4,9%) enquanto que o SIUP foi a única atividade que apresentou crescimento (4,3%).

O valor adicionado de Serviços apresentou uma queda de 2,2% no terceiro trimestre de 2016 em comparação com o mesmo período de 2015, apresentando um ritmo de queda inferior ao observado na comparação entre o terceiro trimestre de 2015 e o mesmo período de 2014, quando o decréscimo foi de 3,4%. Esse fraco desempenho foi motivado, em grande parte, pela queda de 7,4% em transporte, armazenagem e correio e de 4,4% no comércio (atacadista e varejista). Também apresentaram resultados negativos as atividades de intermediação financeira e seguros (-3,3%) e outros serviços (-2,5%). O segmento de administração, saúde e educação pública (0,1%) manteve-se praticamente estável no período.

A Tabela 2.2 apresenta os resultados da taxa de crescimento do PIB trimestral com ajuste sazonal a partir dos três grandes setores – agropecuária, indústria e serviços – além da identidade macroeconômica que considera a ótica da demanda por meio da absorção (consumo das famílias, investimento e gastos do governo) e exportações líquidas.

Os resultados revelam que a economia brasileira segue com desempenho negativo. Nesse terceiro trimestre de 2016, o recuo foi de -0,8% em relação ao trimestre anterior. Os resultados também revelam que tanto os grandes setores do lado da oferta como os componentes da absorção e setor externo apresentaram desempenho negativo.

Sob a ótica da produção, até mesmo a Agropecuária voltou a registrar encolhimento, tendo o terceiro trimestre consecutivo de queda (-1,4%). Após uma recuperação no trimestre anterior, a Indústria volta a registrar redução (-1,3%). O setor de Serviços, por sua vez, apresenta sua quarta queda consecutiva, tendo novamente recuado em -0,6%.

Embora os indicadores de confiança da indústria tenham melhorado as perspectivas econômicas, o cenário político bem como as condições fiscais ainda não são suficientes para o setor retomar uma maior dinâmica de atividade. No caso dos serviços, com a estagnação da economia e a contínua elevação do desemprego, espera-se, também, que as atividades do setor permaneçam deprimidas.

Tabela 2.2: Taxa de crescimento do PIB Trimestral – Brasil (%)

Com Ajuste Sazonal						
Descrição		3º Trim. (2015)	4º Trim. (2015)	1º Trim. (2016)	2º Trim. (2016)	3º Trim. (2015)
PIB a preços de mercado		-1,6	-1,1	-0,5	-0,4	-0,8
Ótica da oferta	Agropecuária	-2,1	0,4	-3,7	-0,8	-1,4
	Indústria	-1,5	-2,0	-0,8	1,2	-1,3
	Serviços	-1,1	-0,7	-0,3	-0,6	-0,6
Ótica da Demanda	Consumo das famílias	-1,9	-0,4	-1,5	-1,0	-0,6
	Consumo do governo	0,1	-0,9	0,3	0,0	-0,3
	Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-3,8	-4,4	-1,6	0,5	-3,1
	Exportações	0,2	-0,5	4,8	-1,8	-2,8
	Importações (-)	-6,4	-5,5	-1,5	2,8	-3,1

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

Do lado da demanda, como já dito, todos os seus componentes registraram queda. O consumo das famílias já amarga quedas sucessivas. Desemprego em alta, baixo dinamismo econômico, inflação resistente e juros elevados tornam os agentes econômicos temerários quanto à expansão dos gastos.

Embora tenha registrado uma leve alta no segundo trimestre de 2016, o investimento registrou uma queda de -3,1% no terceiro trimestre de 2016, sendo o componente da demanda que mais tem se retraído desde o início da recessão iniciada no segundo trimestre de 2014. A taxa de juros elevada, a não consolidação de um plano fiscal sustentável e a incerteza política reduz a perspectiva de investimento das empresas.

Deve-se destacar que embora ainda haja um efetivo plano de controles de gastos governamentais o consumo do governo tem permanecido estagnado nos últimos trimestres, registrando, no terceiro trimestre de 2016, um leve recuo de -0,3%.

No setor externo, as importações seguem em queda, embora no trimestre anterior tenham registrado crescimento. Dólar em alta e economia estagnada além de investimento travado inibe qualquer recuperação das importações. Por outro lado, as exportações não parecem responder à depreciação recente do câmbio na medida em que não seguem uma trajetória contínua de alta. A queda dos preços das commodities foi um dos fatores que contribuíram para a não sustentabilidade do ritmo de expansão do setor.

Inflação e Taxa de Juros

O fim do terceiro trimestre de 2016 não trouxe qualquer alento em termos de melhora dos indicadores econômicos. O IPCA¹, relativo a setembro de 2016 para a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), registrou uma variação de 0,43% no mês, muito distante da registrada no Brasil (0,08%), resultado que mostra o quanto está resistente a inflação em seguir uma trajetória de queda ao longo de 2016. A RMF, no mês de setembro, encontrava-se na segunda colocação das cidades que apresentaram maior variação no IPCA, destacando-se Campo Grande como a cidade com maior variação em setembro de 2016 (em torno de 0,48%). Por outro lado, três cidades tiveram deflação em setembro de 2016: Rio de Janeiro (-0,17%), Vitória (-0,16) e Belo Horizonte (-0,06).

Em relação ao acumulado do ano de 2016, a RMF registrou, até setembro, uma variação acumulada no IPCA de 7,13%, variação extremamente alta para um período de apenas nove meses, sendo a maior do país. No acumulado do ano, Brasília se destacou como a cidade que apresentou menor variação acumulada e a única a ficar abaixo dos 4%.

Já o INPC, que afeta diretamente as famílias de menor poder aquisitivo, na RMF registrou, no mês de setembro, uma variação de 0,51%, superior à registrada pelo IPCA para o mesmo período, afetando mais fortemente, portanto, as famílias de menor poder aquisitivo. Em termos comparativos, a RMF ficou em primeiro lugar, entre as regiões pesquisadas, com maior variação no INPC, uma posição a mais quando comparada com o IPCA (segunda colocação). Com relação às cidades do Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte ocorreu o mesmo fenômeno registrado em relação ao IPCA, ou seja, uma deflação.

Em termos da variação acumulada até setembro de 2016, o INPC teve na RMF a maior variação (7,38%) dentre as regiões pesquisadas. A consequência perversa dessa variação é que o impacto maior é nas famílias de menor poder aquisitivo. Já Brasília registrou 3,70% de variação acumulada no INPC nos primeiros nove meses de 2016, resultando na metade da variação acumulada registrado em Fortaleza. (Tabela 2.3).

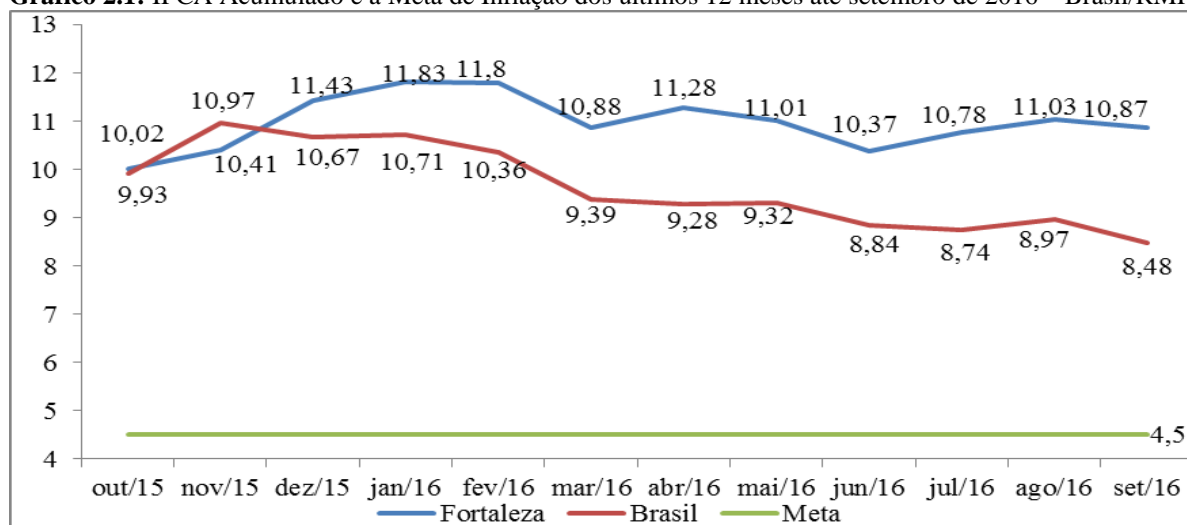
¹ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o órgão responsável pelo cálculo do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) para onze regiões metropolitanas e duas cidades com mais de 30% da população brasileira: Fortaleza, Belém, Recife, Belo Horizonte, São Paulo, Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Curitiba, Campo Grande, Vitória, Brasília e Goiânia. A diferença entre os índices se dá pela faixa de renda do consumidor e conseqüentemente no peso de cada grupo. O IPCA abrange as famílias com rendimentos monetários de 1 a 40 salários mínimos, enquanto que o INPC se refere às famílias com rendimento de 1 a 5 salários mínimos. Vale ressaltar que o IPCA é o índice oficial que mede a inflação do país.

Tabela 2.3: IPCA e INPC – Setembro e Acumulado no ano até Setembro de 2016 – Regiões Pesquisadas

Região	Variação (%)			
	IPCA		INPC	
	Setembro (%)	Acumulado do ano (%)	Setembro (%)	Acumulado do ano (%)
Belém	0,31	6,17	0,31	6,55
Recife	0,38	5,68	0,49	6,41
Salvador	0,02	5,90	0,16	6,83
São Paulo	0,06	5,25	-0,06	6,21
Rio de Janeiro	-0,17	5,86	-0,14	6,32
Goiânia	0,18	5,14	0,14	5,52
Belo Horizonte	-0,06	5,82	-0,11	6,19
Porto Alegre	0,19	6,33	0,06	6,58
Curitiba	0,14	4,15	0,01	4,35
Fortaleza	0,43	7,13	0,51	7,38
Brasília	0,22	3,80	0,17	3,70
Campo Grande	0,48	5,76	0,43	5,85
Vitória	-0,16	4,31	-0,23	5,19
Brasil	0,08	5,51	0,08	6,18

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

A evolução do IPCA acumulado dos últimos doze meses é apresentada no Gráfico 2.1. Observa-se que o IPCA da RMF e do Brasil está muito distante da meta estipulada pelo Banco Central (4,5%). No caso específico da RMF, o IPCA registra variação equivalente a mais que dobro da meta estipulada. Observa-se, também, que a trajetória da inflação da RMF segue sempre acima do IPCA registrado no Brasil, com exceção de novembro de 2015, quando o IPCA de Fortaleza foi de 10,41%, menor que o do Brasil (10,97%).

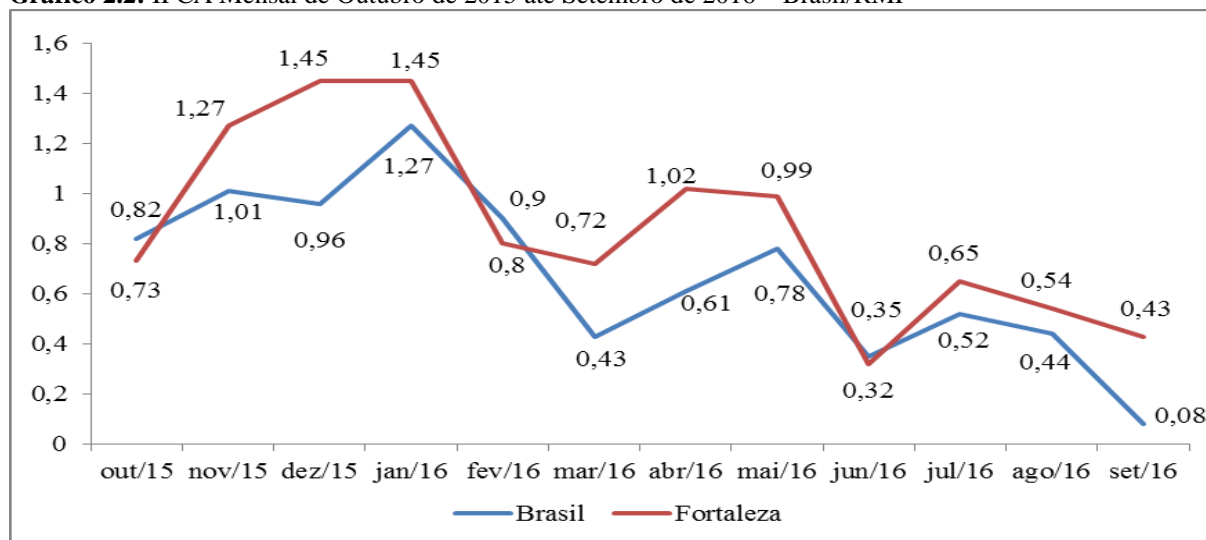
Gráfico 2.1: IPCA Acumulado e a Meta de Inflação dos últimos 12 meses até setembro de 2016 – Brasil/RMF

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

A inflação da RMF apresenta grandes variações em relação ao Brasil, ficando na maioria dos períodos acima e em outros poucos períodos, abaixo do IPCA registrado no Brasil no período de doze meses. A volatilidade está tão presente no IPCA da RMF, que em outubro de 2015, registrou uma variação de 0,73% alcançando, em janeiro de 2016, pico de 1,45%, chegando a 0,8% em fevereiro de 2016.

O período onde a inflação da RMF teve menor variação desde outubro de 2015 foi em junho de 2016 (variação do IPCA foi de 0,32%), percentual abaixo do observado no Brasil (0,32%). Contudo, no terceiro trimestre de 2016 o IPCA da RMF volta a ficar acima do registrado no Brasil.

Gráfico 2.2: IPCA Mensal de Outubro de 2015 até Setembro de 2016 – Brasil/RMF

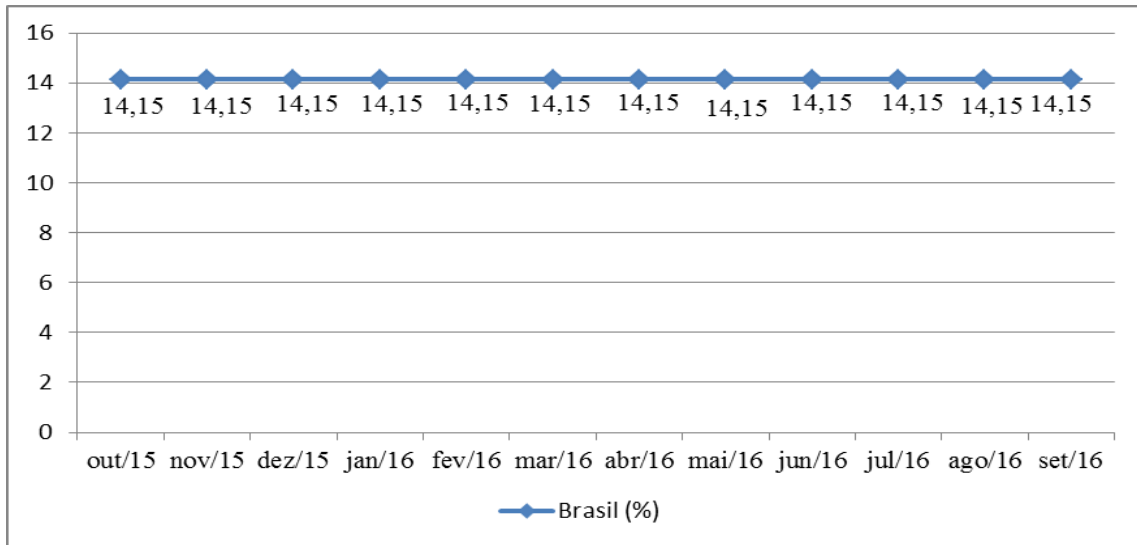


Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 2.3, abaixo, refere-se à taxa Selic Over acumulada, ao ano, praticado no Brasil entre outubro de 2015 e setembro de 2016. A Selic Over é obtida a partir do financiamento no mercado interbancário lastreado em títulos públicas. O seu cálculo é diário.

Em outubro de 2015 a taxa selic over estava em 14,15%, permanecendo inalterada até o momento, ou seja, setembro de 2016. Convém notar que a taxa de juros selic esta inalterada há 12 meses, mas as perspectivas de consolidação a curto prazo dos fundamentos macroeconômicos sinalizam a possibilidade de reversão dessa tendência, com a expectativa de redução de resistência da inflação.

Gráfico 3.3: Selic Over



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração: IPECE.

3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO

No terceiro trimestre de 2016 com relação ao mesmo período de 2015, a economia cearense registrou uma queda de 1,23%, apresentando uma queda bem inferior ao registrado no terceiro trimestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014, onde verificou-se um decréscimo de 7,22% (Tabela 3.1). No acumulado do ano, observa-se uma queda de 3,99%. Em relação à taxa anualizada, registra-se decréscimo de 4,89%. Analisando os três trimestres do ano de 2016, observa-se uma desaceleração na queda do PIB cearense, indicando uma considerável diminuição no ritmo da crise macroeconômica, e favorecendo, assim, a um retorno do crescimento econômico no Ceará para o ano de 2017.

Tabela 3.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Ceará - 3º Trim. 2015 a 3º Trim. 2016 (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2015 (**)	1º Trim. 2016 (**)	2º Trim. 2016 (**)	3º Trim. 2016 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-26,00	-3,44	-0,21	7,43	1,26	-0,54
Indústria	-7,29	-8,02	-7,48	-6,18	-7,23	-8,40
Extrativa Mineral	-4,98	5,18	2,82	0,64	2,88	-3,70
Transformação	-11,04	-10,18	-5,49	-5,42	-7,03	-8,66
Construção Civil	-4,66	-14,28	-18,57	-16,46	-16,43	-15,51
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,07	16,99	19,81	21,02	19,28	14,44
Serviços	-5,14	-5,30	-4,91	-1,43	-3,88	-4,61
Comércio	-11,21	-10,62	-11,94	-4,16	-8,91	-10,57
Alojamento e Alimentação	9,07	-0,85	-3,13	-2,42	-2,13	-0,42
Transportes	-9,07	-6,70	-3,84	-1,07	-3,87	-6,02
Intermediação Financeira	-9,96	-7,99	-7,16	-2,33	-5,83	-7,07
Administração Pública	-0,54	-1,52	-0,32	0,40	-0,48	-0,36
Outros Serviços	2,96	3,20	2,42	4,35	3,32	3,32
VA a preços básicos	-7,32	-6,03	-5,16	-1,48	-4,22	-5,08
PIB pm	-7,22	-5,96	-4,78	-1,23	-3,99	-4,89

Fonte: IPECE e IBGE.

Elaboração: IPECE.

(*) São dados preliminares, na base de 2010, e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Analisando os setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, para o período do terceiro trimestre de 2016, em comparação com o mesmo período de 2015, a agropecuária apresentou um crescimento de 7,43%, resultado esse influenciado por uma base de comparação muito deprimida, que é a queda de 26% verificada no terceiro de 2015, em decorrência dos constantes anos de secas que afetam o estado do Ceará.

Já a indústria decresceu 6,18%, resultado das quedas da construção civil (-16,43%) e da indústria de transformação (-5,42%). O setor de serviços caiu 1,43%, decorrente dos fracos desempenhos das atividades de comércio (-4,16%), alojamento e alimentação (-2,42%), intermediação financeira (-2,33%) e transportes (-1,07%).

4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL

4.1 Agropecuária

O setor agropecuário cearense vem sentido fortemente o efeito da seca, que já se prolonga por cinco anos. Diante disso, sobressaem-se os efeitos causados por esse cenário, como a grave situação hídrica, solos cada vez mais secos e rachados, causando forte queda na produtividade das atividades do setor. Essa situação atinge fortemente a população rural, pois muitas dessas pessoas ainda dependem das atividades agrícolas e pecuária, causando assim transtornos econômicos e sociais.

Atualmente os reservatórios de água do Ceará somam um volume de 1.694 milhões de metros cúbicos, o equivalente a apenas 9,09% da capacidade do Estado. As chuvas no ano de 2016 não foram suficientes para melhorar a capacidade dos reservatórios. O Estado do Ceará, desde 2015, vem fazendo um grande esforço para atender a demanda de água do estado.

Dentre as regiões, a situação mais vulnerável, segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), está no Baixo Jaguaribe, com apenas 0,23% da capacidade de armazenamento. Em seguida estão as regiões de Curu e Banabuiú, ambas com um pouco mais de 2,0% da capacidade. Em melhor situação estão as regiões do Coreaú e Litoral, com aproximadamente 35%. Em termos absolutos, o maior volume de água encontra-se na região do Alto Jaguaribe e Médio Jaguaribe. Vale ressaltar que esse volume vem diminuindo a cada dia, deixando todas as regiões com forte dependência de ações públicas assistencialistas.

Tabela 4.1: Capacidade e volume (%) de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará – 2016

Regiões	Quantidade de açudes	Capacidade (m ²)	Volume (em Setembro 2016)	
			(m ³)	(%)
Acaraú	14	1.721.047.165	149.744.210	8,70
Alto Jaguaribe	23	2.778.546.000	538.346.632	19,38
Baixo Jaguaribe	1	24.000.000	54.750	0,23
Banabuiú	19	2.759.753.240	63.739.675	2,31
Coreaú	9	308.660.000	106.730.274	34,58
Curu	13	1.028.210.000	22.143.628	2,15
Litoral	10	215.132.392	76.225.077	35,43
Médio Jaguaribe	15	7.389.107.414	441.823.404	5,98
Metropolitana	19	1.371.412.000	204.250.794	14,89
Salgado	15	452.312.000	55.048.537	12,17
Serra da Ibiapaba	1	141.000.000	25.056.000	17,77
Sertões de Crateús	10	448.047.203	11.277.695	2,52
Ceará	149	18.637.227.414	1.694.440.676	9,09

Fonte: COGERH. Elaboração: IPECE.

As chuvas ocorridas no Ceará em 2016, conforme dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), ficaram abaixo da média normal, com desvio de -30,7%. A Região Jaguaribana apresentou maior desvio negativo (-43,8%), seguida do Litoral de Fortaleza (-34,1) e Maciço de Baturité (-33,9%). Em termos absolutos a região do Litoral de Fortaleza foi a que mais choveu em 2016, seguida do Litoral Norte e Maciço de Baturité. Enquanto as regiões Sertão Central e Inhamuns, Jaguaribana e Cariri foram as que registraram menor nível de pluviosidade (Tabela 4.2). Outro fato negativo foi a irregularidade temporal e espacial das chuvas, afetando as principais regiões produtoras de produtos agrícolas do Ceará.

Tabela 4.2: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas – 2016

Macrorregiões	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)
Litoral Norte	973.9	785.2	-19.4
Litoral de Pecem	864.6	774.6	-10.4
Litoral de Fortaleza	1083.8	713.8	-34.1
Maciço de Baturité	950.1	628.2	-33.9
Ibiapaba	905.2	609.5	-32.7
Cariri	904.0	600.0	-33.6
Jaguaribana	774.7	435.2	-43.8
Sertão Central e Inhamuns	676.2	430.3	-36.4
Ceará	800.6	555.1	-30.7

Fonte: FUNCEME. Elaboração: IPECE.

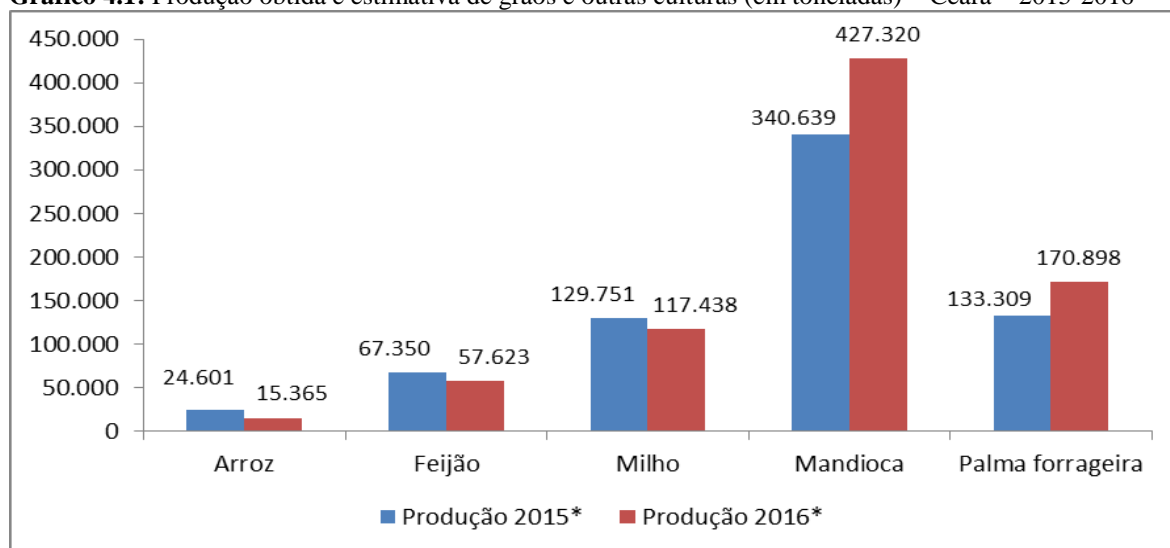
Conforme as estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE², a produção de grãos no Ceará indica uma queda de 14,11% em 2016, relativamente à produção obtida em 2015. Destaque para a redução na produção das culturas de arroz (-37,54%), feijão (-14,44%) e milho (-9,49%). Vale lembrar que a produção de grãos do Ceará, no ano de 2015, já foi uma das menores nos últimos vinte anos.

Com relação a mandioca, verificou-se que a estimativa de 2016 aponta uma produção maior que 2015, indicando um crescimento de 24,45%. A produção da palma forrageira também experimentou aumento de produção em 2016, em relação a 2015, com crescimento de 28,2%. Essas duas últimas culturas são mais adaptativas ao clima e solo do semi árido. Além disso, a palma forrageira vem sendo muito utilizada como alimento para os rebanhos do estado.

² As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

É importante destacar que as estimativas do LSPA vão se ajustando ao longo do ano, estando em sua maioria das vezes com valores mais elevados no começo do ano. As estimativas dos primeiros nove meses do ano estão baseadas principalmente na informação do que já foi colhido, nas áreas plantadas e produtividade prevista. Sendo assim, entende-se que esses valores de produção são alterados, conforme novas informações obtidas pelo levantamento.

Gráfico 4.1: Produção obtida e estimativa de grãos e outras culturas (em toneladas) – Ceará – 2015-2016



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: (*) O valor de 2015 refere-se aos valores da produção obtida e o valor de 2016 corresponde a estimativa.

A produção de frutas em 2016 indica bons resultados para quase todas as culturas, destacando o coco-da-baía, com crescimento de (62,61%), castanha-de-caju (53,83%), goiaba (33,07%) e mamão (30,60%), todas da lavoura permanente. Algumas dessas culturas, como a castanha-de-caju, só serão melhor analisadas nos últimos meses do ano.

Já as plantações de melão, melancia e abacaxi, que são na maioria plantio de irrigação, indicam queda na produção. Essa diminuição deve-se à menor área plantada, tendo em vista que houve redução na concessão de água para as áreas de produção agrícola irrigada.

Tabela 4.3: Produção obtida e estimativa de frutas (em toneladas) no Ceará – 2015-2016

Produção de Frutas	Produção 2015*	Estimativa 2016	Varição (%) 16/15
Acerola	12.477	15.350	23,03
Banana	385.028	419.251	8,89
Goiaba	14.005	18.637	33,07
Laranja	9.915	10.063	1,49
Mamão	94.478	123.385	30,60
Manga	45.259	53.600	18,43
Maracujá	93.079	116.712	25,39
Melancia	35.805	33.175	-7,35
Melão	111.487	76.210	-31,64
Castanha de caju	52.118	80.173	53,83
Abacaxi**	2.894	2.655	-8,26
Coco-da-baía**	189.398	307.983	62,61

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

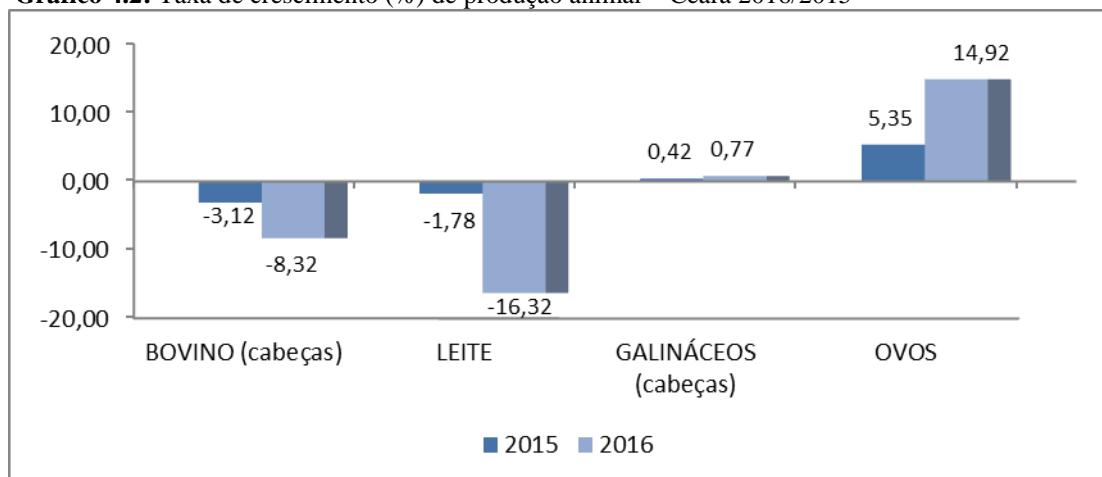
Notas: (*) O valor de 2015 refere-se a produção obtida e o valor de 2016 corresponde a estimativa.

(**) Produção em mil frutos.

Com relação às atividades de produção animal analisadas, apenas a produção de ovos e galináceos apresentaram estimativas de variação positiva para o ano de 2016, com crescimento de 14,92% e 0,77%, respectivamente. O número de estabelecimentos de granja vem crescendo no estado do Ceará.

A atividade de leite foi a que registrou maior estimativa negativa, com variação de -16,32%. Essa atividade manteve um bom padrão na produção até o ano passado, porém com a crise causada pelo quinto ano de seca, a produção leiteira foi fortemente atingida, indicando forte queda na produção.

Também apresentaram estimativa de queda a produção de bovinos (-8,32%). Sem pastagem para o animal, os pecuaristas tentam diminuir os prejuízos com ração, e com a utilização da palma forrageira, mas nem sempre é suficiente (Gráfico 4.2).

Gráfico 4.2: Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2016/2015

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

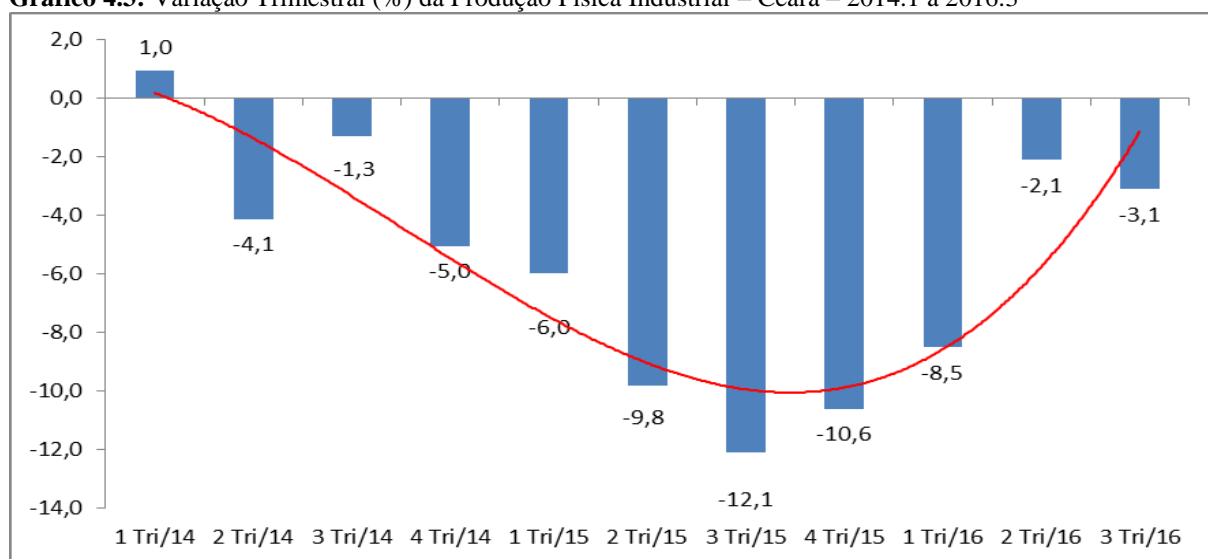
4.2 Indústria

Indústria de Transformação (Produção Física)

Com os resultados do terceiro trimestre de 2016, a indústria de transformação cearense amarga o décimo período de queda seguida na produção na comparação trimestral. Nos meses de julho a setembro, a atividade apresentou uma retração de 3,1% em relação ao mesmo período de 2015. Com os últimos números, a manufatura no Estado acumula dois anos e meio de redução consecutiva na produção. O último resultado trimestral positivo se deu ainda em 2014, no primeiro trimestre daquele ano. Os dados constam do indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE).

Assim como o resultado observado no trimestre anterior, o desempenho do terceiro trimestre, embora negativo, aponta para uma redução do ritmo de queda em relação aos trimestres anteriores. Por outro lado, é preciso considerar que os últimos números ocorrem sobre uma base de comparação já fortemente negativa, o que revela a gravidade do quadro atual. O Gráfico 4,3, a seguir, mostra as taxas trimestrais a partir de 2014.

Gráfico 4.3: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2014.1 a 2016.3



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

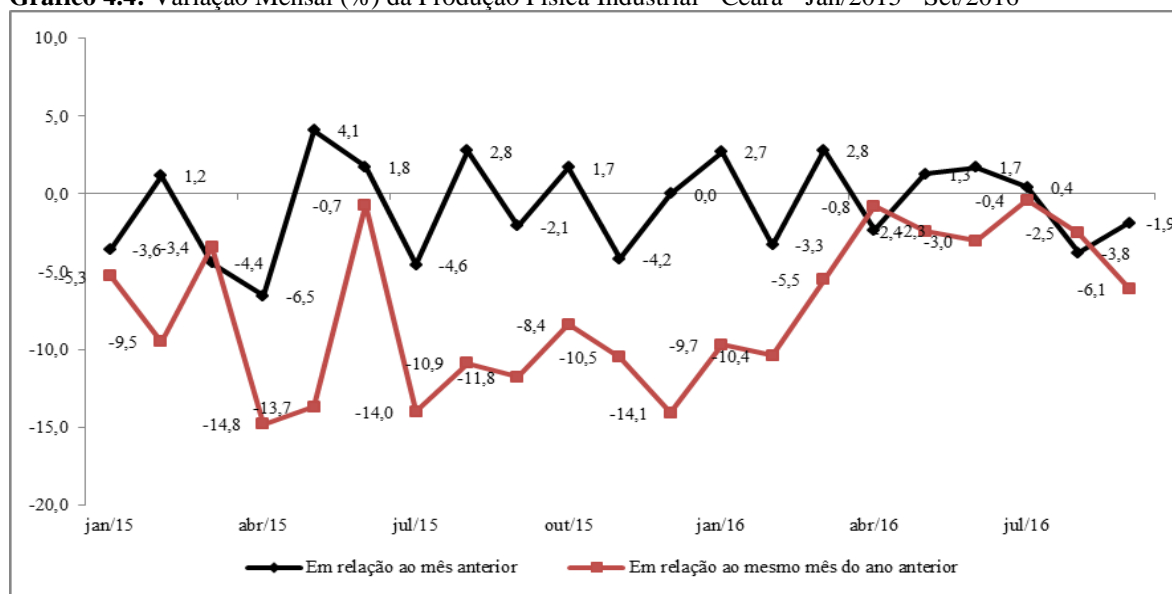
Na avaliação mensal, os meses de julho a setembro deram continuidade ao observado nos meses anteriores revelando novas retrações na produção. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, as reduções foram, respectivamente, de -0,4%, -2,5% e -6,1%, como mostra o Gráfico 4.4. Os resultados do terceiro trimestre de 2016, apesar de continuarem negativos, são também menos intensos do que os observados ao longo de 2015, reforçando a

percepção de redução na velocidade de queda da produção industrial já observada nos meses de abril a junho.

Já na avaliação contra os meses imediatamente anteriores, a manufatura cearense registrou novamente reduções seguidas na produção. No terceiro trimestre, os resultados foram uma expansão de 0,4% em julho sobre março, a terceira consecutiva nesta comparação, seguido de duas reduções, uma de 2,5% em agosto na comparação com julho, interrompendo a sequência positiva, e outra em setembro, de 6,1% em relação a agosto, intensificando as perdas.

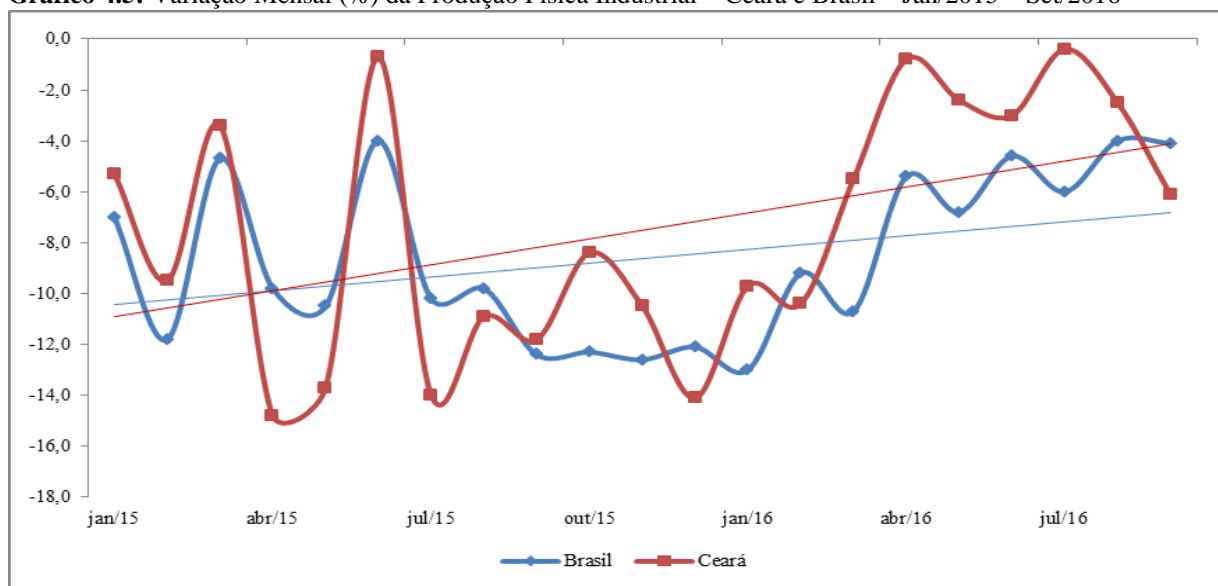
Os resultados neste tipo de comparação apontam para uma piora do desempenho na margem. Por um lado, esse movimento marginal não recoloca a indústria no ambiente de severa contração da atividade observada em 2015. Por outro, entretanto, esfria as expectativas de uma retomada marginal da atividade na última metade do ano, algo que se poderia inferir a partir dos resultados do mês de maio. O Gráfico 4.4 apresenta as taxas.

Gráfico 4.4: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Jan/2015 - Set/2016



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

O Gráfico 4.5, a seguir, compara a trajetória mensal da atividade industrial no Ceará e no Brasil. Neste, é possível perceber a melhora do ritmo da produção em ambos, mas com maior intensidade no Ceará. No gráfico, as linhas retas indicam a tendência do comportamento no período e confirmam a maior intensidade para indústria cearense.

Gráfico 4.5: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil – Jan/2015 – Set/2016

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam tendência de comportamento dos dados no período considerado.

Assim como no segundo trimestre, os resultados do atual período do ano não modificam o quadro de redução continuada da produção industrial, que tem afetado todas as unidades da federação. O Quadro 4.1, a seguir, confirma tal percepção a partir do desempenho trimestral dos Estados pesquisados, do Brasil e da Região Nordeste. Pelos números, a indústria no Ceará na avaliação do trimestre apresentou resultados melhores do que o setor no país e na região. No resultado acumulado do ano, entre as quatorze unidades com levantamento, apenas Mato Grosso, com expansão de 5,0%, ainda preserva crescimento da produção industrial em 2016. Todas as demais unidades da federação registram diminuição da produção no ano em comparação com 2015. Entre estas, destaque para Amazonas (-14,3%), Pernambuco (-12,7%) e Rio de Janeiro (-8,8%). A indústria cearense, por sua vez, acumula uma redução de 4,6% em 2016, o que configura a quinta menor queda entre os Estados brasileiros. O resultado cearense superar a marca nacional, que aponta para uma queda de 7,0% em relação a igual período do ano passado, mas é inferior ao resultado apresentado pelo conjunto da região Nordeste (-3,7%). A Tabela 4.4 traz os resultados para os estados pesquisados, para o país e a região.

Quadro 4.1: Resultados Trimestrais da Produção Industrial Regional - 2016

Locais	Variação percentual (%)		
	1º Tri./2016	2º Tri./2016	3º Tri./2016
Amazonas	-21,4	-11,6	-7,7
Pará	10,5	10,1	9,9
Região Nordeste	-4,4	-1,7	-4,8
Ceará	-8,5	-2,1	-3,1
Pernambuco	-25,7	-6,5	-2,7
Bahia	3,8	-3,5	-13,0
Minas Gerais	-12,0	-5,5	-3,8
Espírito Santo	-22,3	-22,9	-21,6
Rio de Janeiro	-10,0	-6,4	-3,3
São Paulo	-13,7	-3,7	-1,7
Paraná	-8,8	-7,8	-4,1
Santa Catarina	-8,3	-3,2	-1,1
Rio Grande do Sul	-6,8	-2,7	-4,6
Mato Grosso	11,4	11,5	-4,9
Goiás	-9,6	-5,1	-8,4
Brasil	-11,5	-6,6	-5,5

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IBGE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Tabela 4.4: Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Jul-Set/2015 e 2016 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2015)			Acumulado Ano (2015)	Variação Mensal (2016)			Acumulado Ano (2016)
	Jul	Ago	Set		Jul	Ago	Set	
Brasil	-10,3	-9,9	-12,5	-9,1	-6,0	-4,0	-4,1	-7,0
Nordeste	1,0	2,7	-4,0	-2,1	-8,9	-3,9	-3,0	-3,7
Mato Grosso	1,0	7,4	14,7	2,8	1,6	-6,1	-10,3	5,0
Espírito Santo	1,5	-10,8	-9,8	1,9	-6,9	2,9	1,4	-1,8
Bahia	1,7	3,9	-9,4	-6,2	-19,1	-10,5	-7,1	-3,7
Minas Gerais	-10,5	-6,3	-14,4	-9,7	-0,3	-3,1	2,0	-4,0
Santa Catarina	-9,9	-7,5	-12,5	-7,6	-5,2	1,6	0,2	-4,2
Ceará	-14,0	-10,9	-11,8	-9,6	-0,4	-2,5	-6,1	-4,6
Rio Grande do Sul	-4,5	-12,3	-19,5	-11,0	-11,9	-0,1	-1,0	-4,6
São Paulo	-12,5	-12,8	-13,8	-10,4	-1,8	-2,9	-0,3	-6,2
Pará	-6,3	-5,5	-5,6	-2,5	-3,8	-0,8	-8,6	-6,7
Paraná	-10,9	-11,4	-6,6	-7,1	0,0	-3,1	-9,1	-6,8
Goiás	7,6	2,8	0,8	2,9	-5,9	-7,7	-11,3	-7,1
Rio de Janeiro	-12,8	-7,8	-14,9	-10,3	-8,5	-7,4	-5,3	-8,8
Pernambuco	-1,2	-4,8	-5,5	-2,5	-3,0	-1,7	-3,4	-12,7
Amazonas	-20,0	-14,0	-14,3	-15,8	-4,2	-7,4	-11,1	-14,3

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2016.

Resultados Setoriais

Da mesma forma que o observado no segundo trimestre do ano, os resultados setoriais do terceiro trimestre voltaram a indicar um comportamento diferente entre as atividades industriais. Os desempenhos individuais revelam um ambiente de redução na produção menos

difuso, menos generalizado do que aquele observado nos trimestres anteriores, em especial até o início de 2016.

De fato, entre as onze atividades pesquisadas, quatro apresentaram expansão na produção. Entre os meses de julho a setembro, atividades importantes do parque industrial cearense preservaram os resultados positivos alcançados no trimestre anterior. A Fabricação de Têxteis, com expansão de 47,7%, e de Couros e Calçados, com crescimento de 0,5%, registraram o segundo trimestre seguido de aumento na produção na comparação com 2015. Em ambos os casos, além dos trimestres seguidos de diminuição na produção, com a consequente redução dos estoques e da base de comparação, o que favorece uma retomada cíclica da atividade, a expansão parece estar associada aos movimentos favoráveis na taxa de câmbio, que aumentam a competitividade (em preço) dos produtos cearenses frente aos importados. A produção de derivados do petróleo, que cresce a quatro trimestres seguidos, e de produtos alimentícios, foram outras atividades que também apresentaram crescimento no atual trimestre.

Contraopondo estes números positivos, outras sete atividades amargaram retração na produção no terceiro quarto do ano. Entre estas, algumas também importantes para setor no Estado, como Confeção de artigos do vestuário (-16,4%), Produtos de minerais não metálicos (-20,5%) e Bebidas (-11,2%). Neste cenário, a expansão da produção apresentada por certos segmentos, apesar de contribuir para o melhor ritmo da manufatura cearense, não foi suficiente para reverter o quadro de quedas trimestrais consecutivas.

Para o caso das atividades de confecção e de fabricação de bebidas, a produção guarda relação com a capacidade de consumo das famílias e numa realidade de maior restrição orçamentária dos consumidores, a redução do consumo no setor do comércio se faz perceber nas linhas de produção industrial. Já a produção de minerais não metálicos parece estar sentindo os efeitos da retração que afetou a construção civil no Ceará. A Tabela 4.5, a seguir, apresenta os números para atividades industriais.

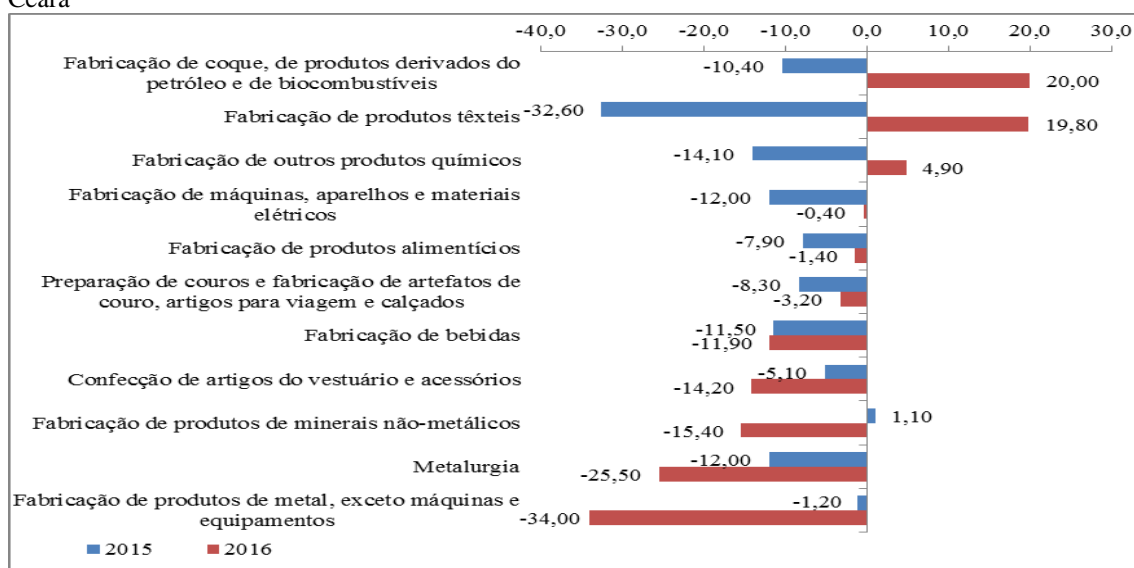
Tabela 4.5: Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2015 e 2016

Setores	Variação Trimestral (2015)				Variação Trimestral (2016)		
	2015.I	2015.II	2015.III	2015.IV	2016.I	2016.II	2016.III
Indústrias de transformação	-6,1	-10,0	-12,2	-10,9	-8,5	-2,1	-3,1
Fabricação de produtos têxteis	-25,5	-34,7	-37,3	-35,8	-10,8	26,2	47,7
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-2,7	-17,9	-10,1	16,8	7,8	27,3	25,9
Fabricação de produtos alimentícios	-1,7	-7,4	-13,6	-2,5	-6,7	-1,0	3,4
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	0,2	-11,0	-13,0	-15,8	-12,0	2,7	0,5
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-10,2	-17,5	-9,2	-6,6	-0,7	3,8	-3,1
Fabricação de outros produtos químicos	-16,1	6,5	-23,9	-9,0	22,5	11,3	-10,6
Fabricação de bebidas	-9,3	-17,7	-8,1	-4,2	-13,4	-10,9	-11,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-14,0	6,1	-6,6	-16,0	-8,9	-16,5	-16,4
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,0	4,5	-0,6	-8,4	-12,5	-12,6	-20,5
Metalurgia	-8,0	-13,6	-13,9	-28,9	-16,6	-25,6	-33,1
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-4,7	-4,2	6,0	-24,4	-20,1	-33,8	-48,5

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2016.III.

O Gráfico 4.6, na sequência, compara a taxa de crescimento acumulada até o terceiro trimestre para 2015 e 2016. Quanto ao resultado acumulado, apenas três segmentos apresentam crescimento em 2016 na comparação com o ano anterior: Fabricação de produtos derivados do petróleo e biocombustíveis; a Fabricação de produtos têxteis e a Fabricação de produtos químicos.

Gráfico 4.6: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física por Atividades Industriais- 2015 e 2016 – Ceará

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2016.

Em resumo, os resultados do terceiro trimestre de 2016 não alteraram o quadro avaliado no trimestre anterior. Em linhas gerais, o ambiente econômico se manteve desfavorável à retomada da produção industrial.

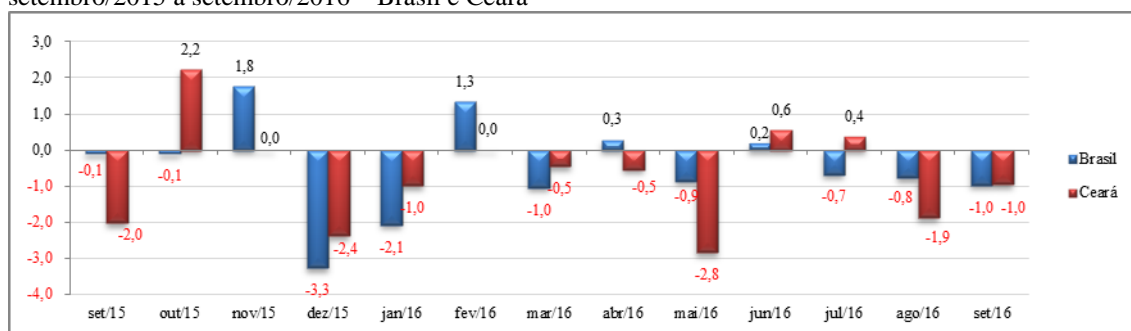
Embora os números indiquem para uma diminuição na velocidade da queda na produção, a realidade continua sendo de encolhimento da atividade industrial. De fato, a diminuição dos estoques industriais, o posicionamento do câmbio em patamares mais favoráveis ao setor e as encomendas do comércio para o final de ano que costumam ocorrer nesta época não se mostraram suficientes para colocar a dinâmica da produção em terreno positivo. Uma recuperação cíclica da atividade ainda não se manifestou e os sinais, contraditórios, não permitem colocá-la em um horizonte de tempo imediato.

Por fim, continua válida a postura de aguardar os próximos períodos para que se confirme que a indústria cearense retomou a trajetória de crescimento. Para tanto, se mantém fundamental a implantação de reformas necessárias para recuperar a confiança dos agentes econômicos, bem como de medidas que estimulem a retomada da economia no curto prazo.

4.3 Serviços (Comércio Varejista)

De acordo com dados divulgados pela Pesquisa Mensal do Comércio, o varejo cearense registrou queda nas vendas de setembro comparado a agosto de 2016 de 1,0% ajustado sazonalmente. Vale destacar que em agosto já havia registrado queda na comparação com o mês imediatamente anterior de 1,9%, refletindo dessa forma um momento de nítida desaceleração das vendas do comércio no terceiro trimestre de 2016. O varejo nacional seguiu comportamento bastante semelhante ao registrado pelo varejo local, apresentando também desaceleração do ritmo de vendas em todo o país. (Gráfico 4.6).

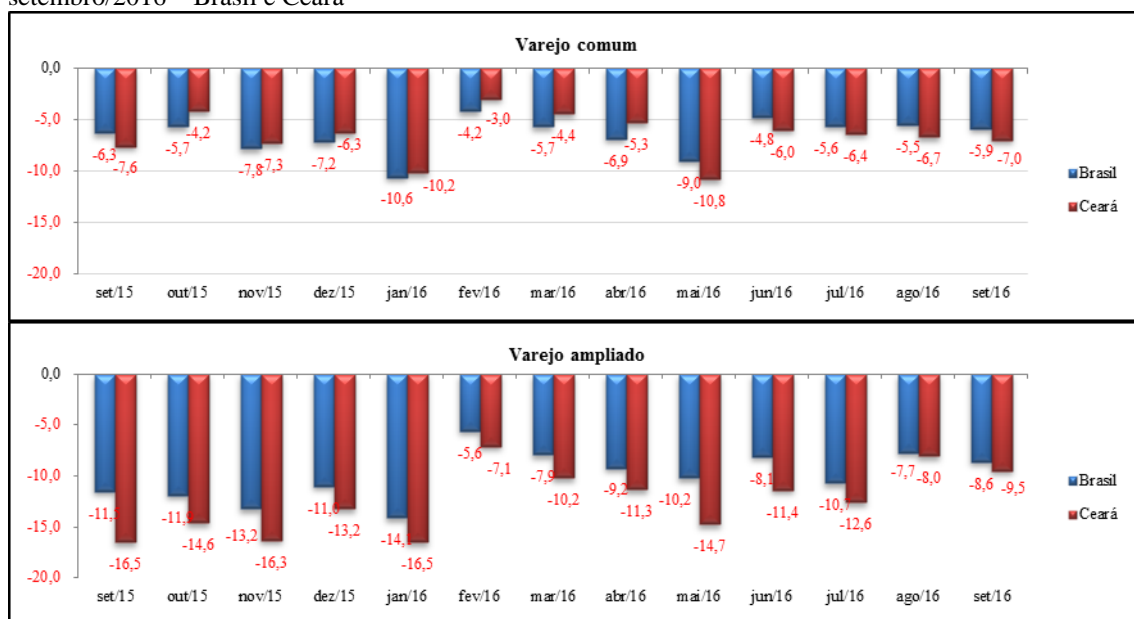
Gráfico 4.6: Variação mensal com ajuste sazonal do volume de vendas do comércio varejista comum – setembro/2015 a setembro/2016 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Já na comparação com as vendas do mesmo mês do ano passado foram observadas quedas sucessivas tanto no varejo comum quanto no ampliado, sendo que neste último as quedas registradas forma mais intensas em função da forte retração nas vendas dos setores de veículos e de materiais de construção.

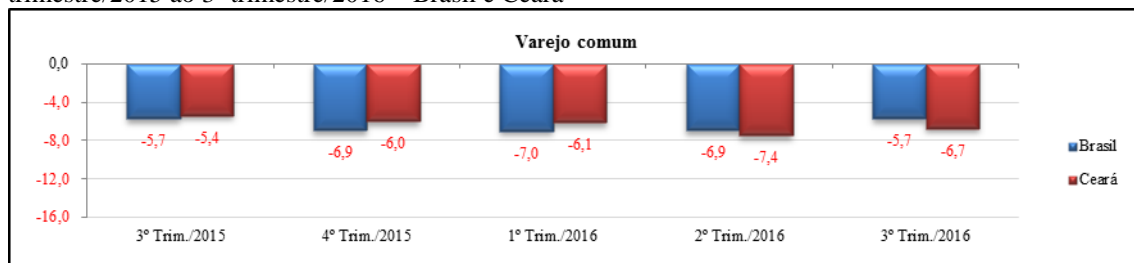
O que é mais importante a ser destacado é que a queda mensal ao longo de 2016 dá-se em comparação aos mesmos meses do ano de 2015 que também apresentaram queda nas vendas do varejo comum e ampliado, revelando uma nítida retração na atividade desse importante setor da economia local e nacional (Gráfico 4.7).

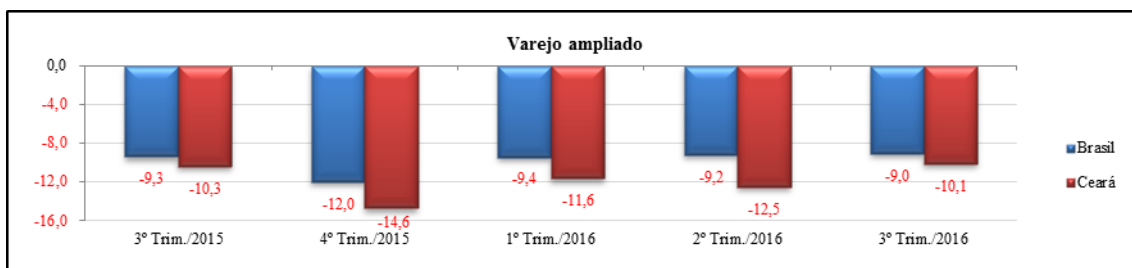
Gráfico 4.7: Variação mensal do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado – setembro/2015 a setembro/2016 – Brasil e Ceará

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Pode-se, então, agrupar os resultados mensais em trimestres para se obter a dinâmica mais clara por períodos das vendas do varejo nacional e local. Nota-se que tanto o varejo comum (-6,7%) quanto o varejo ampliado cearense (-10,1%) registraram queda no 3º trimestre de 2016 na comparação com o mesmo trimestre do ano passado. Nota-se que o país apresentou nesse mesmo período queda levemente inferior a apresentada pelo varejo cearense. (Gráfico 4.8).

O varejo comum cearense vem perdendo nítida participação no varejo nacional desde o 2º trimestre de 2016, quando passou a registrar quedas mais intensas. Já o varejo ampliado vem apresentando perda de participação no varejo nacional a mais tempo, registrando quedas superiores desde o 3º trimestre de 2015. (Gráfico 4.9).

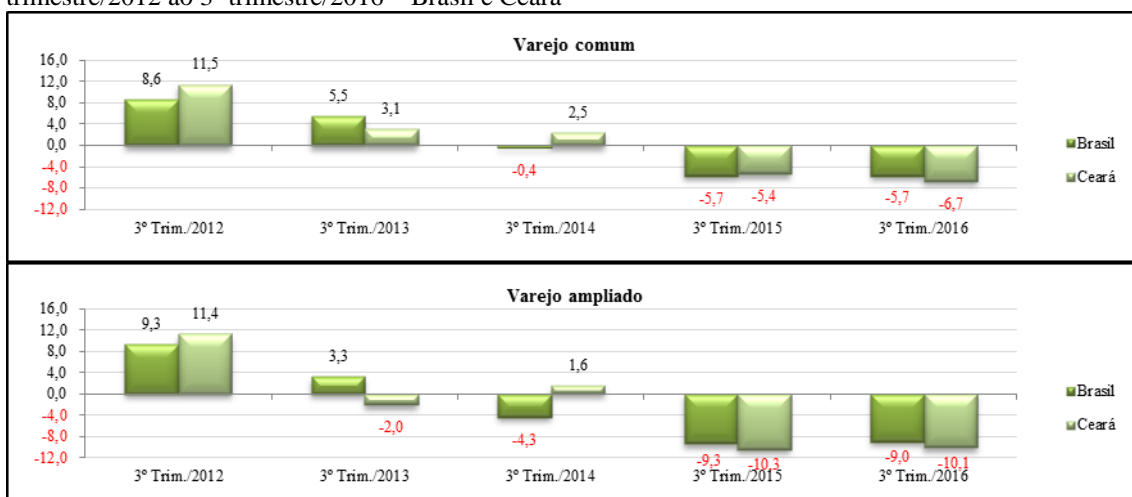
Gráfico 4.8: Variação trimestral do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado – 3º trimestre/2015 ao 3º trimestre/2016 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

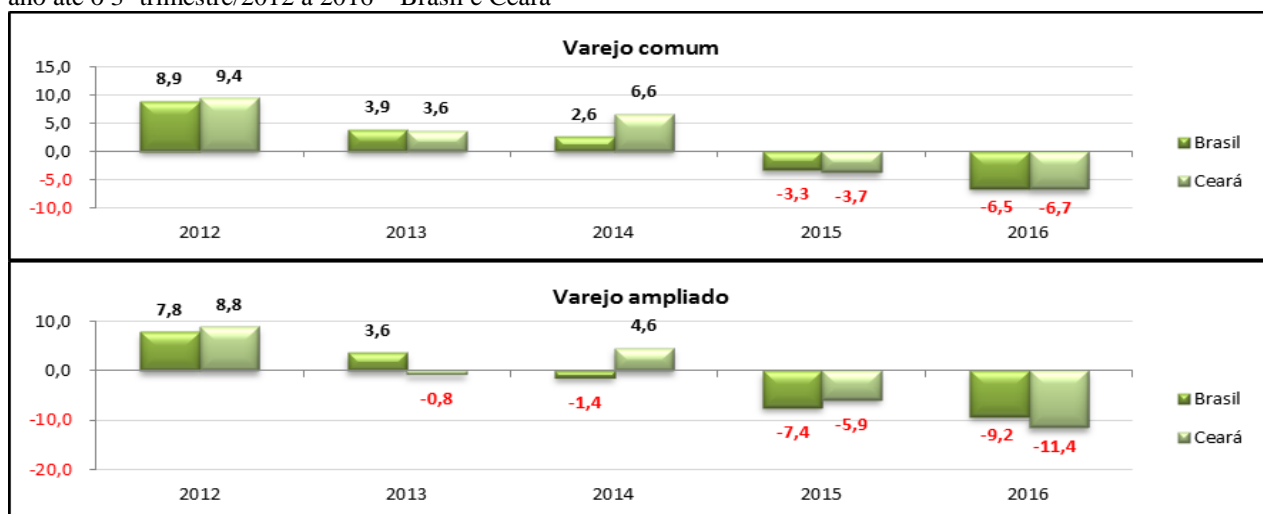
Quando se observa o comportamento das vendas do varejo para o 3º trimestre dos últimos cinco anos têm-se uma ideia do tamanho dos efeitos da crise econômica sobre este setor. No 3º trimestre de 2012, os varejos comum e ampliado cearense haviam registrado alta de 11,5% e 11,4%, respectivamente. Passados cinco anos, os dois passaram a registrar quedas de 6,7% e 10,1%, respectivamente.

Gráfico 4.9: Variação trimestral do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado – 3º trimestre/2012 ao 3º trimestre/2016 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

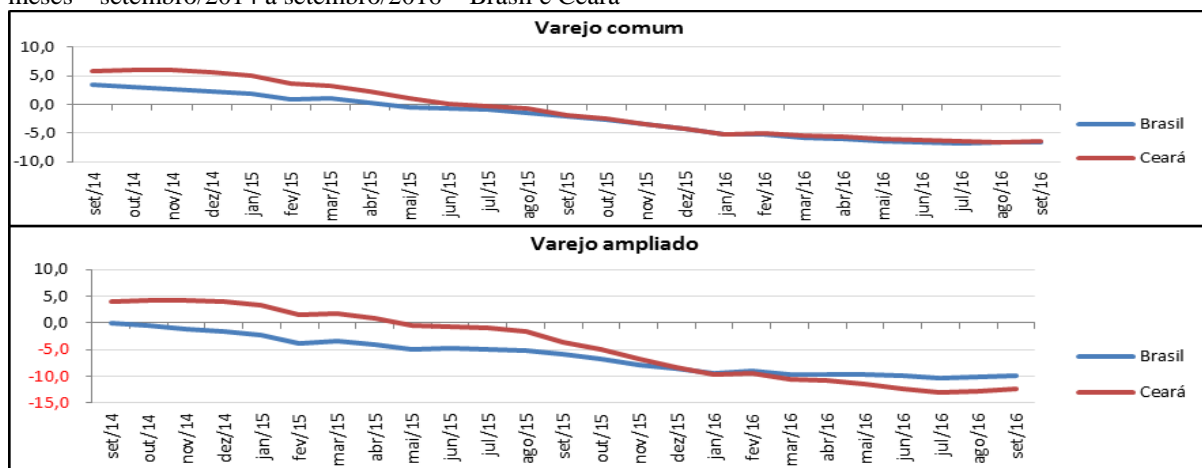
Ao se fazer uma análise do comportamento anual das vendas do varejo até o 3º trimestre, os resultados novamente não são nada animadores. Tanto o varejo comum cearense (-6,7%) quanto o nacional (-6,5%) apresentaram quedas ainda mais significativas àquelas registradas no ano de 2015 no acumulado do ano. Contudo, resultados ainda piores foram observados no varejo ampliado cearense (11,4%) e nacional (-9,2%). Pode-se concluir que as vendas do varejo entraram no período de total retração com dois anos sucessivos de queda.

Gráfico 4.10: Variação anual do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado – Acumulado do ano até o 3º trimestre/2012 a 2016 – Brasil e Ceará

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

No Gráfico 4.11 abaixo é apresentada a trajetória da variação do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado cearense e nacional para o acumulado das vendas de 12 meses. Nota-se que o ritmo de vendas do varejo saiu rapidamente de um desempenho positivo para um desempenho negativo nos últimos dois anos.

Destaca-se a forte queda nas vendas do varejo ampliado cearense a partir de meados de 2015, se intensificando cada vez mais ao longo do ano de 2016, reflexo do péssimo desempenho nas vendas de veículos e de materiais de construção.

Gráfico 4.11: Variação do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado – Acumulado de 12 meses – setembro/2014 a setembro/2016 – Brasil e Ceará

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Análise Setorial do Comércio Varejista

Na Tabela 4.6 abaixo são apresentados os resultados anuais das vendas do varejo comum por setores para o período acumulado até o 3º trimestre dos últimos cinco anos. Em 2016, todos os setores registraram queda nas suas vendas, sendo que as maiores foram observadas nos setores: Eletrodomésticos (27,0%); Material de construção (25,4%); Livros, jornais, revistas e papelaria (22,3%); Veículos, motocicletas, partes e peças (19,3%); Móveis e eletrodomésticos (17,2%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (12,9%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (12,6%), todos acima dos dez pontos percentuais de queda.

Tabela 4.6: Variação do volume de vendas do comércio varejista por setores – Acumulado do ano até o 3º trimestre/2012 a 2016 – Brasil e Ceará

Setores	Brasil					Ceará					
	2012	2013	2014	2015	2016	2012	2013	2014	2015	2016	
Combustíveis e lubrificantes	6,4	6,0	3,0	-4,4	-9,7	21,5	13,6	10,7	-3,3	-4,4	
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	8,9	1,3	1,9	-2,3	-2,9	7,1	-0,8	3,5	-5,6	-3,2	
Hipermercados e supermercados	9,4	1,3	1,8	-2,2	-2,8	7,2	-1,0	3,8	-5,3	-2,5	
Tecidos, vestuário e calçados	2,9	3,2	-1,1	-7,3	11,3	7,7	5,3	8,5	4,3	-2,5	
Móveis e eletrodomésticos	13,1	5,4	1,4	-	13,0	13,6	19,8	6,2	7,5	-7,8	-17,2
Móveis	13,2	-1,5	2,6	-	14,8	12,8	15,5	23,5	7,9	-5,2	-2,2
Eletrodomésticos	12,3	9,1	1,2	-	12,2	13,9	24,5	-2,7	6,8	-9,4	-27,0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	10,9	9,5	9,4	3,6	-1,1	11,8	20,9	3,1	6,9	-4,2	
Livros, jornais, revistas e papelaria	4,3	2,9	-7,1	-9,6	-	16,9	-3,9	-0,5	-5,7	-13,7	-22,3
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	13,5	6,0	-4,1	4,0	-	14,7	19,5	-7,7	8,7	-24,7	-12,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,7	10,3	7,9	1,5	-	11,7	0,3	1,5	17,3	1,3	-12,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	5,9	2,0	-9,2	-	16,1	14,6	6,8	-9,4	-0,6	-12,7	-19,3
Material de construção	7,7	7,3	0,2	-6,4	-	12,0	13,3	1,0	9,4	-0,2	-25,4

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Vale destacar que em apenas quatro setores o varejo cearense registrou queda inferior em 2016, na comparação com 2015: Móveis; Hipermercados e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo; Hipermercados e Supermercados; Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação. Chama atenção os setores do varejo cearense que apresentaram nítida piora com taxas de queda bem superiores à apresentada no ano passado: Material de construção com diferença de 25,2 p.p. e Eletrodomésticos com diferença de 17,6 p.p.

Na comparação com o varejo nacional alguns setores do varejo cearense apresentaram queda menos significativa: Móveis, Tecidos, vestuário e calçados, Combustíveis e lubrificantes, Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação e Hipermercados e supermercados. Por outro lado, a redução nas vendas de Materiais de construção; Eletrodomésticos e de Veículos, motocicletas, partes e peças foram bem mais expressivas.

Análise do Comércio Varejista no Cenário Nacional

A seguir, as Tabela 4.7 e 4.8 apresentam os resultados da variação anual do volume de vendas do comércio varejista comum e ampliado nacional e por estados para o período do acumulado do ano até o 3º trimestre dos últimos cinco anos. No varejo comum, apenas o estado de Roraima conseguiu resultado positivo nas vendas em 2016. Vale ressaltar que apenas cinco estados apresentaram queda inferior a apresentada pelo varejo nacional: Minas Gerais, Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. O estado do Ceará apresentou a sexta menor queda no varejo comum.

Tabela 4.7: Variação anual do volume de vendas do comércio varejista comum – Acumulado do ano até o 3º trimestre/2012 a 2016 – Brasil e Estados

Estados	2012	2013	2014	2015	2016
Roraima	28,5	4,4	5,4	9,6	0,7
Minas Gerais	8,2	0,3	2,5	-2,0	-1,0
Paraíba	8,6	9,8	3,2	-8,6	-3,7
São Paulo	9,9	3,9	1,8	-2,9	-4,9
Rio Grande do Sul	9,5	3,7	3,1	-5,3	-5,4
Paraná	11,3	5,2	2,5	-1,2	-6,3
Ceará	9,4	3,6	6,6	-3,7	-6,7
Mato Grosso do Sul	16,5	11,0	4,4	-0,4	-6,7
Santa Catarina	7,8	2,1	-0,3	-0,3	-6,9
Alagoas	8,5	6,1	5,8	-7,4	-7,0
Maranhão	11,4	7,6	6,7	-5,4	-7,5
Rio de Janeiro	4,0	4,8	3,3	-2,2	-8,0
Piauí	7,8	3,4	2,3	-3,4	-8,4
Mato Grosso	7,2	6,1	2,8	-7,4	-8,5
Tocantins	15,4	5,4	6,3	-1,4	-9,4
Rio Grande do Norte	6,5	9,8	3,1	-2,4	-9,8
Goiás	9,7	4,0	2,2	-9,5	-10,0
Acre	14,4	1,3	13,7	1,2	-10,1
Pernambuco	11,0	5,9	3,4	-6,4	-10,7
Distrito Federal	6,2	2,0	1,3	-5,5	-11,0
Espírito Santo	9,7	2,1	0,5	-6,1	-11,4
Amazonas	6,0	2,4	0,8	-6,3	-11,6
Rondônia	5,8	8,3	9,3	-3,3	-12,3
Sergipe	5,9	3,0	1,6	1,6	-12,3
Pará	9,6	5,3	2,8	-2,8	-12,4
Bahia	10,4	1,6	5,6	-6,6	-12,9
Amapá	19,1	3,3	8,0	-7,5	-20,0
Brasil	8,9	3,9	2,6	-3,3	-6,5

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Já no varejo ampliado todos os estados do País apresentaram retração nas vendas, com apenas oito estados apresentando retração superior a nacional: Roraima, Minas Gerais, Rondônia, São Paulo, Paraíba, Paraná, Mato Grosso do Sul e Alagoas. O estado do Ceará apresentou a décima quarta menor queda no varejo ampliado. (Tabela 4.8).

Tabela 4.8: Variação anual do volume de vendas do comércio varejista ampliado – Acumulado do ano até o 3º trimestre/2012 a 2016 – Brasil e Estados

Estados	2012	2013	2014	2015	2016
Roraima	18,5	5,0	4,0	2,5	-0,9
Minas Gerais	5,3	1,0	-0,4	-6,9	-5,0
Rondônia	6,2	2,1	5,2	-8,2	-5,9
São Paulo	9,9	2,6	-5,6	-6,1	-6,5
Paraíba	6,2	9,1	3,2	-12,9	-7,3
Paraná	9,5	6,8	-3,2	-7,4	-7,4
Mato Grosso do Sul	8,2	8,9	-0,7	-4,4	-7,4
Alagoas	12,3	3,7	3,6	-9,0	-9,1
Piauí	9,4	6,7	1,0	-6,8	-9,3
Santa Catarina	3,2	3,0	1,4	-7,8	-9,5
Rio Grande do Sul	8,3	6,1	1,5	-11,3	-10,4
Mato Grosso	15,0	5,9	0,8	-9,9	-10,4
Rio Grande do Norte	6,6	9,3	1,8	-3,6	-10,6
Ceará	8,8	-0,8	4,6	-5,9	-11,4
Rio de Janeiro	3,7	6,1	1,3	-5,5	-12,1
Bahia	10,9	1,3	1,7	-7,7	-12,2
Acre	8,1	10,7	5,1	-8,0	-12,5
Amazonas	2,3	3,3	2,6	-8,3	-13,2
Maranhão	10,0	6,1	2,5	-7,9	-13,4
Goiás	7,5	6,3	-2,3	-13,0	-13,7
Distrito Federal	7,4	-0,6	0,7	-10,8	-13,8
Pará	11,8	3,3	0,8	-3,7	-13,9
Pernambuco	8,9	4,6	1,5	-8,4	-14,0
Tocantins	15,3	4,2	3,3	-11,6	-14,6
Sergipe	7,3	2,2	2,6	-4,3	-15,2
Espírito Santo	0,8	-4,0	-4,5	-14,5	-16,4
Amapá	10,0	3,7	-2,2	-8,5	-18,3
Brasil	7,8	3,6	-1,4	-7,4	-9,2

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

5 MERCADO DE TRABALHO

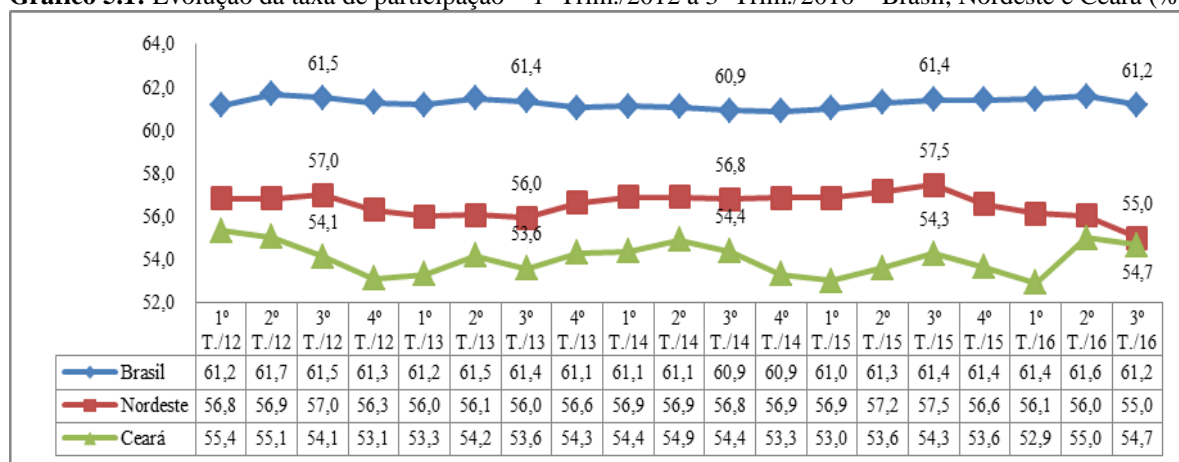
5.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Ceará

A TP representa a razão entre a Força de Trabalho (FT) com relação à população em idade de trabalhar (PIT). A PIT na PNADC é definida para as pessoas de 14 anos ou mais de idade na data de referência. A TP pode também ser denominada de taxa de atividade.

O Ceará, semelhante ao Brasil, segue oscilações marginais, embora nos três primeiros trimestres de 2016 tenha apresentado maiores oscilações. Do terceiro trimestre de 2015 para o terceiro trimestre de 2016 a taxa de atividade cearense cresceu 0,4 ponto percentual.

Não obstante a taxa de atividade cearense detenha um *gap* com relação a TP nacional em torno de 7,5 pontos percentuais, deve-se ressaltar que o crescimento de 0,4 ponto percentual relatado tem reflexos no aumento no número de desempregados.

Gráfico 5.1: Evolução da taxa de participação – 1º Trim./2012 a 3º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



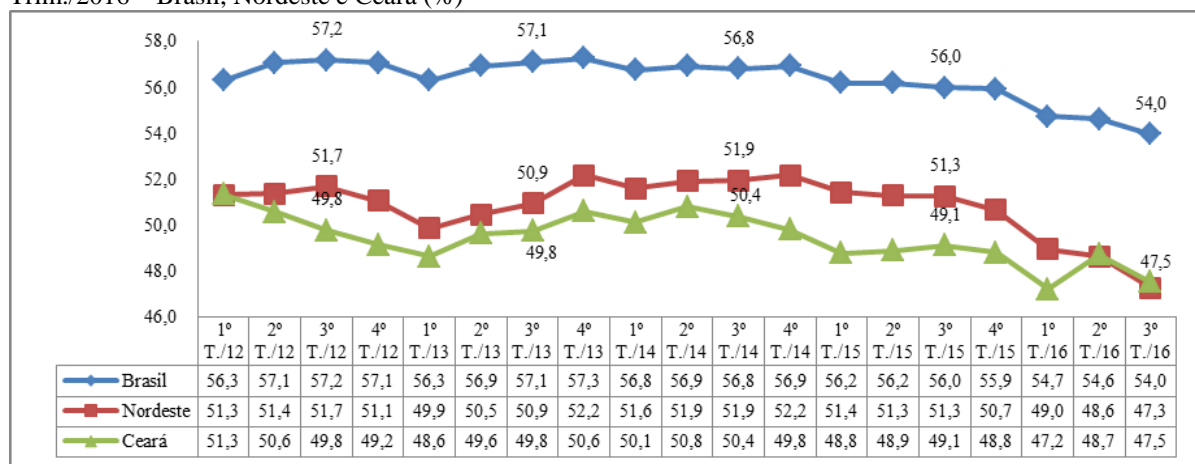
Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

Os Gráficos 5.2 e 5.3 apresentam, respectivamente, o nível de ocupação (NO) e o nível de desocupação (ND) para as três grandes áreas geográficas em análise (Brasil, Nordeste e Ceará). Como se observa no Gráfico 5.2, no terceiro trimestre de 2016 existe uma diferença de 6,5 pontos percentuais entre o NO do Brasil e a do Ceará, embora seus níveis de desocupação sejam praticamente iguais (7,2% e 7,1%, respectivamente).

Adicionalmente, o Ceará reduziu o NO em 1,6 ponto percentual do terceiro trimestre de 2015 para o terceiro trimestre de 2016, ao sair de 49,1% para 47,5%, enquanto o ND se elevou em 1,9 ponto percentual. Assim, no Ceará, a queda do NO foi menor que o aumento do ND (0,3 pontos percentuais líquidos de aumento do ND). Este resultado mostra que não somente a destruição de empregos elevou o número de desempregados no Estado como também houve

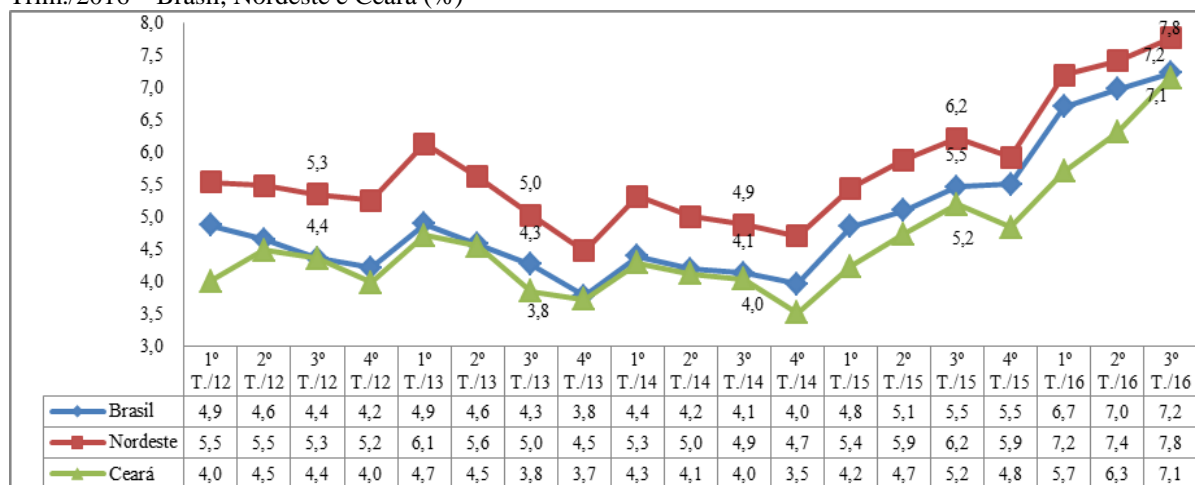
uma maior intensidade de procura por empregos, o que coaduna com o aumento da taxa de atividade observada.

Gráfico 5.2: Nível de Ocupação da População na População em Idade de Trabalho – 1º Trim./2012 a 3º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

Gráfico 5.3: Nível de Desocupação da População na População em Idade de Trabalho – 1º Trim./2012 a 3º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

Por sua vez, o fluxo de pessoas que estavam fora da força de trabalho e migraram para FT pode ter sido determinante para o aumento do ND e elevada expansão do desemprego, principalmente na virada do segundo trimestre de 2016 para o terceiro trimestre de 2016 (Gráfico 5.4).

O Gráfico 5.4 também revela que do terceiro trimestre do ano passado para o terceiro trimestre de 2016 a taxa de desemprego (TD) do Ceará cresceu 3,5 pontos percentuais e a do Brasil apenas 2,9 pontos percentuais, o que mostra que o volume de desempregados no Ceará vem aumentando em uma velocidade muito maior.

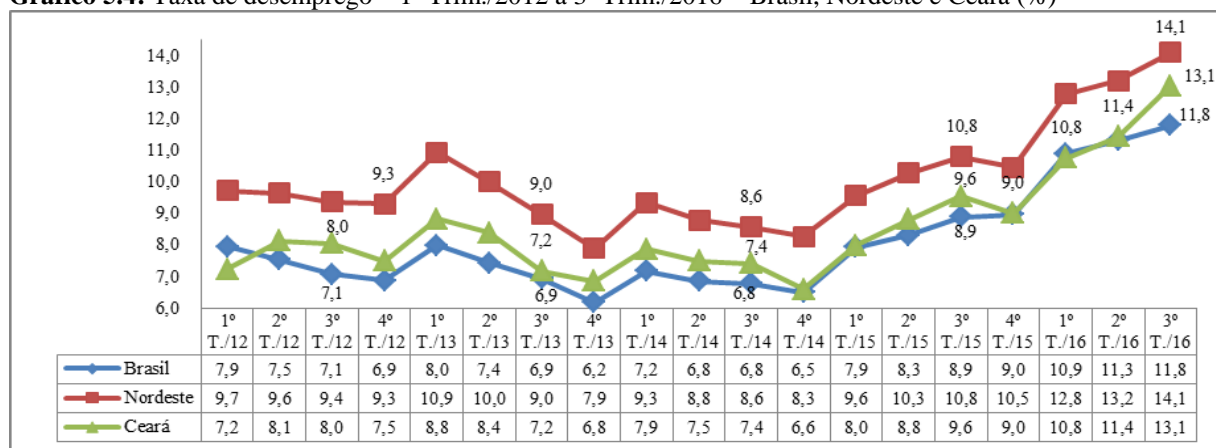
No aspecto conjuntural, essa tendência de aumento do desemprego ficou clara desde o primeiro trimestre de 2015 quando a recessão iniciada no segundo trimestre de 2014 influenciou a maior escalada do desemprego. Em particular, na virada do segundo para o terceiro trimestre de 2016 o Brasil cresceu 0,5 pontos percentuais na TD, saltando de 11,3% para 11,8%.

Mas conforme já citado, o NO do Ceará vem caindo lentamente, enquanto o ND cresce em uma velocidade mais acelerada. Ademais, de acordo com o Gráfico 5.4, a TD do Ceará cresceu 1,7 ponto percentual, mais de três vezes que a do Brasil na virada do segundo trimestre para o terceiro trimestre de 2016.

Quando se observa no acumulado dos últimos quatro trimestres o desemprego no Estado já acumula alta de 4,1 pontos percentuais, o que mostra que a TD tem crescido 1% ponto percentual em média por trimestre.

Já o nível de ocupação, nos últimos quatro trimestres, caiu apenas 1,3 ponto percentual, enquanto que o nível de desocupação elevou-se em 2,3 pontos percentuais, de forma que os desocupados cresceram 0,25 ponto percentual no acumulado dos últimos quatro trimestres. Logo, é possível argumentar que parte da conjuntura esteja sendo contaminada pela estrutura do mercado de trabalho na medida em que ocorre um influxo de pessoas fora da força de trabalho para a FT, elevando, conseqüentemente, o número de desempregados.

Gráfico 5.4: Taxa de desemprego – 1º Trim./2012 a 3º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



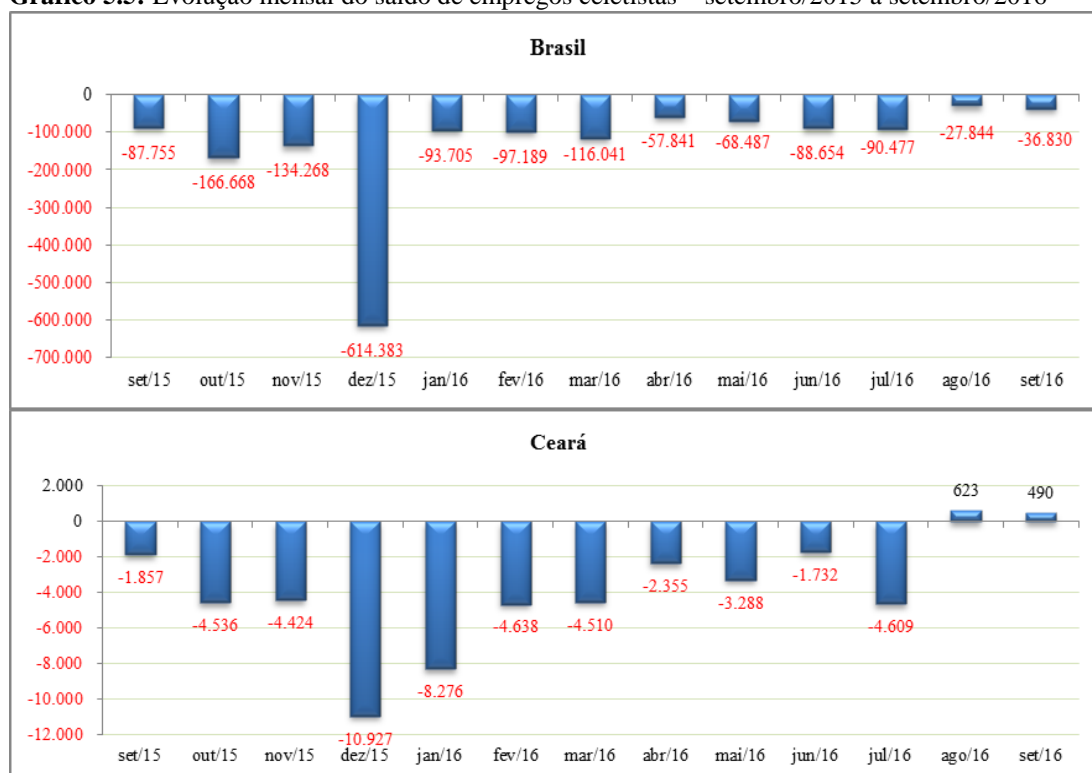
Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

5.2. Emprego Formal

O desempenho do mercado de trabalho formal da economia cearense apresentou uma recuperação a partir dos meses de agosto e setembro de 2016, conforme pode ser observado a partir dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Desde setembro de 2015, a economia cearense vinha apresentando saldos negativos sucessivos de empregos com carteira assinada. Todavia a partir de agosto de 2016 (+623 vagas) e setembro (+490 vagas) esse quadro mudou. O Brasil ainda continuou apresentando destruição de vagas de trabalho com carteira assinada em iguais meses (Gráfico 5.5).

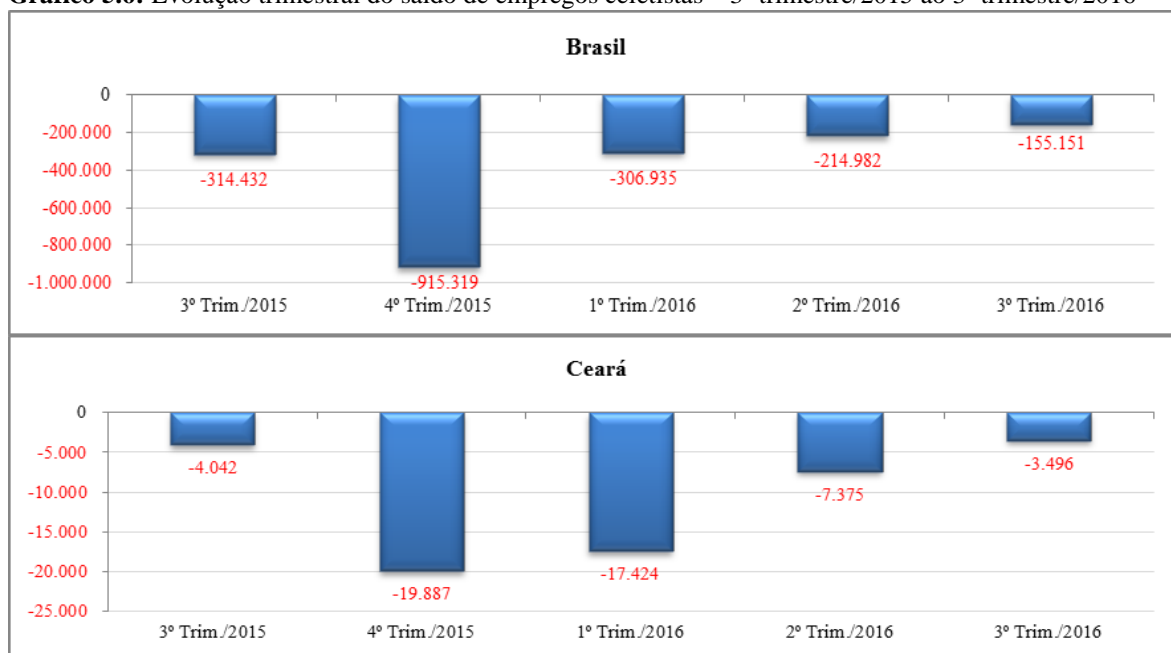
Gráfico 5.5: Evolução mensal do saldo de empregos celetistas – setembro/2015 a setembro/2016



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 24/11/2016.

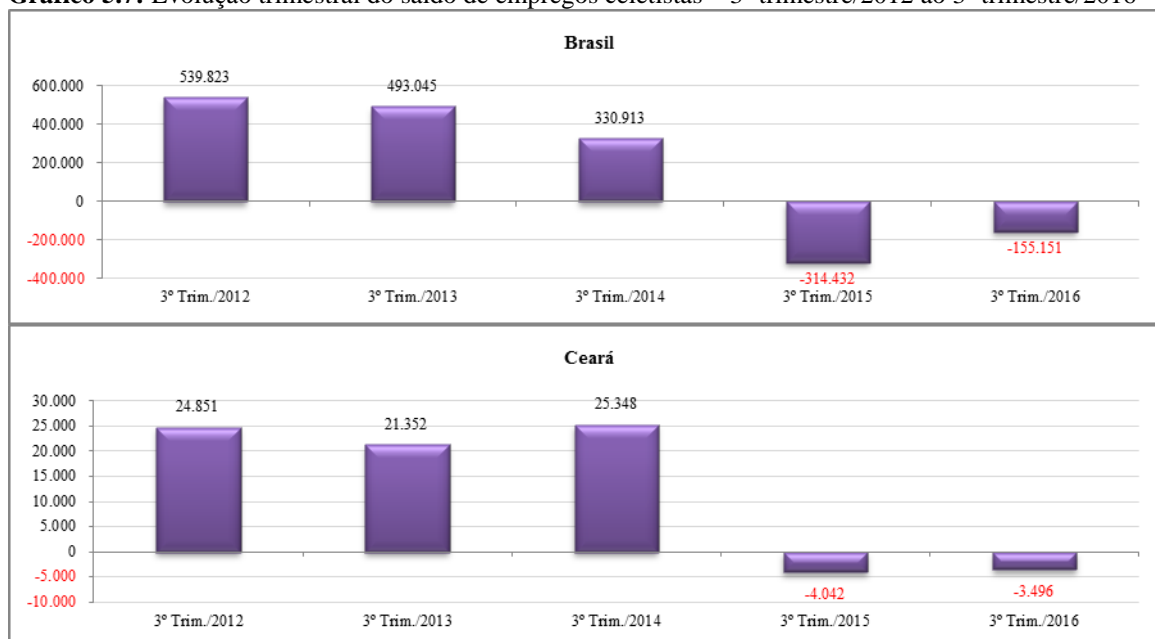
A geração de vagas de trabalho com carteira assinada na economia cearense, observada nos últimos dois meses, não foi o suficiente para garantir que o 3º trimestre de 2016 apresentasse um saldo positivo de empregos em função da forte destruição de postos de trabalho em julho do mesmo ano de 4.609 vagas, resultando em um saldo negativo trimestral de 3.496 vagas, levemente inferior ao observado em igual trimestre de 2015 (4.042 vagas), revelando, assim, que a situação do mercado de trabalho cearense ainda é bastante preocupante. (Gráfico 5.6).

Gráfico 5.6: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – 3º trimestre/2015 ao 3º trimestre/2016

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 24/11/2016.

Pela análise do Gráfico 5.7 abaixo é possível ter uma ideia da dinâmica do mercado de trabalho no terceiro trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que até o ano de 2014 o terceiro trimestre sempre foi responsável por boa parte da criação de novos postos de trabalho na economia cearense e nacional, mas esse quadro mudou completamente nos últimos dois anos, revelando nitidamente os sinais da crise econômica que se abateu sobre o mercado de trabalho nacional e local no período mais recente.

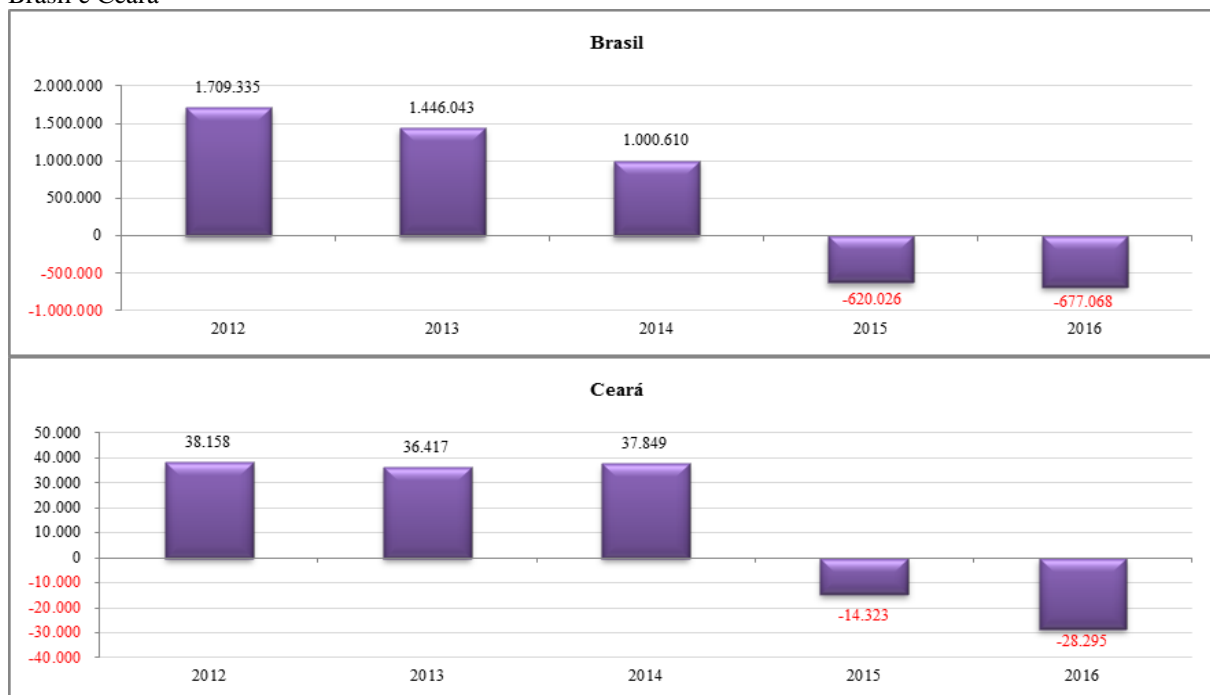
Gráfico 5.7: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – 3º trimestre/2012 ao 3º trimestre/2016

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 24/11/2016.

Como reflexo da dinâmica trimestral do mercado de trabalho celetista observa-se que o fechamento de postos de trabalho no acumulado até o 3º trimestre do ano de 2016 (28.295 vagas) foi aproximadamente o dobro do fechamento de postos de trabalho em igual período de 2015, revelando que os efeitos da crise econômica são mais perenes e estão espalhados por todo o território nacional. (Gráfico 5.8).

Gráfico 5.8: Evolução do saldo de empregos celetistas – Acumulado do ano até o 3º trimestre/2012 a 2016 – Brasil e Ceará



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 24/11/2016.

Pela análise do Gráfico 5.9 é possível ter uma noção da dinâmica do emprego com carteira assinada nos oito setores que formam a economia cearense entre o final do ano de 2015 e os três primeiros trimestres do ano de 2016. Nota-se que a maioria dos setores estudados apresentou saldos negativos expressivos em boa parte do período investigado, em especial a indústria da transformação, a construção civil e o comércio.

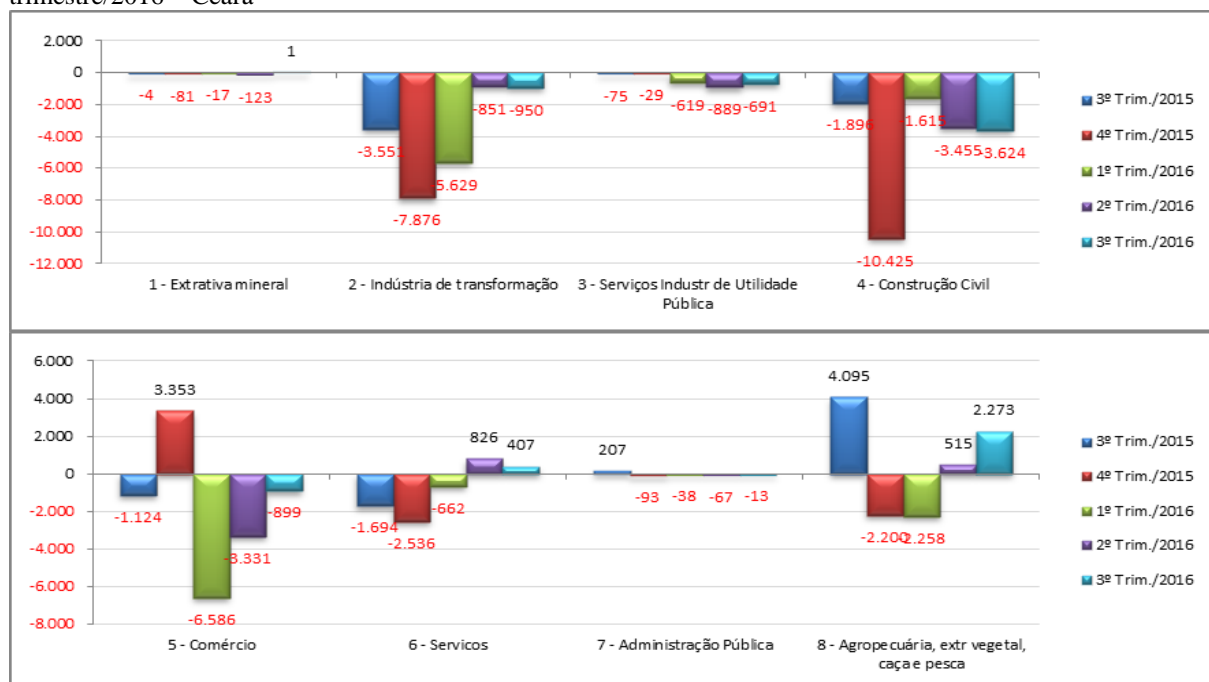
Vale destacar a persistência acentuada de perda de vagas de trabalho na Construção civil ao longo do ano de 2016 e o fechamento de postos de trabalho na Indústria de transformação trimestre após trimestre. O fechamento de vagas na Construção civil e na Indústria de transformação nos últimos dois anos, contrasta com períodos de forte contratação nestes setores no período de 2012 a 2014.

Dos oito setores analisados, cinco continuaram registrando saldo negativo de empregos no 3º trimestre de 2016, apresentados na seguinte ordem: Construção civil (-3.624 vagas); Indústria de transformação (-950 vagas); Comércio (-899 vagas); SIUP (-691 vagas); e Administração

Pública (-13 vagas). Os saldos positivos ficaram por conta da Agropecuária, extr. Vegetal, caça e pesca (+2.273 vagas), bastante influenciado por fatores sazonais e Serviços (+407 vagas).

Na comparação dos resultados do Comércio de 2016 com 2015, conclui-se que este setor está enfrentando sérias dificuldades diante da crise atual, não enxergando outra saída para as fortes demissões. Os resultados negativos apresentados para o terceiro trimestre de 2015 e 2016, também contrastam momentos de intensa contratação para o mesmo período entre os anos de 2012 a 2014. Em relação ao setor de Serviços, foi esboçado certa recuperação frente ao resultado do 3º trimestre do ano passado, mas quando comparado aos resultados apresentados entre 2012 e 2014, é possível concluir que este setor passou a sentir bastante os efeitos da crise que se instalou por toda a economia.

Gráfico 5.9: Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores – 3º trimestre/2015 ao 3º trimestre/2016 – Ceará

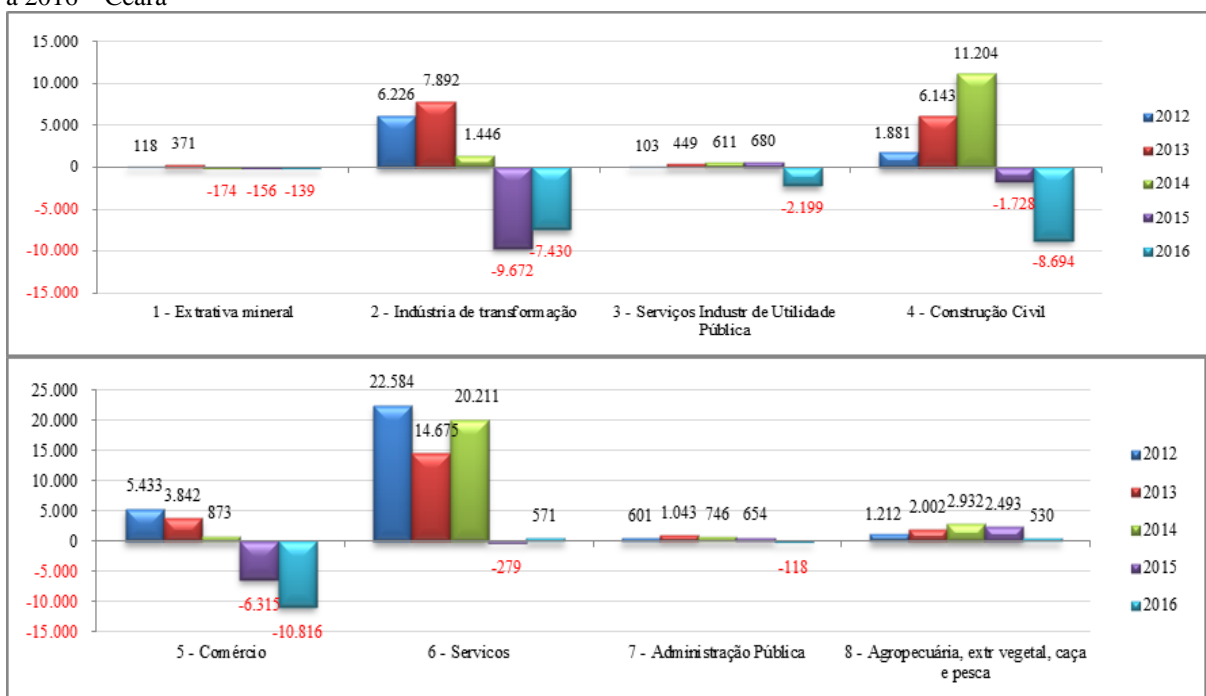


Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 24/11/2016.

Por meio da análise do Gráfico 5.10 é possível conhecer a dinâmica do emprego com carteira assinada por setores da economia cearense para o acumulado até o terceiro trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se os setores que mais fecharam vaga no ano de 2016 foram: Comércio (-10.816 vagas); Construção civil (-8.694 vagas) e Indústria de transformação (-7.430 vagas). Além destes, também fecharam vagas os setores de SIUP, Extrativa mineral e Administração pública. Apenas os setores de Serviços e da Agropecuária, extr. Vegetal, caça e pesca registraram criação de vagas.

Gráfico 5.10: Evolução do saldo de empregos celetistas por setores – Acumulado do ano até o 3º trimestre/2012 a 2016 – Ceará



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

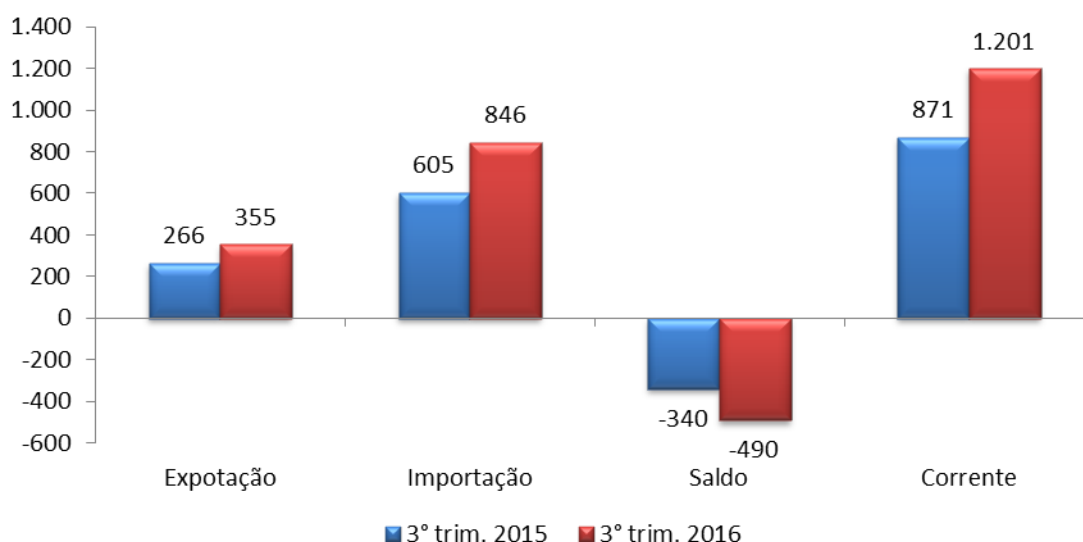
Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 24/11/2016.

6 COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações do Ceará no terceiro trimestre de 2016 totalizaram US\$ 355 milhões, 33,8%, superiores ao observado no mesmo período do ano anterior. As importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 846 milhões, valor de 39,8% superior ao registrado no terceiro trimestre de 2015, que foi de US\$ 605 milhões.

Comparando o crescimento das exportações e importações cearenses, no terceiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período do ano passado, observa-se, que nesse período as importações cearenses cresceram mais que as exportações. Por conta disso, o saldo da balança comercial, relativo ao terceiro trimestre de 2016, apresentou déficit de US\$ 490 milhões, ou seja, 44% superior ao déficit apresentado no terceiro trimestre de 2015 (Gráfico 6.1).

Gráfico 6.1 - Balança Comercial Cearense (US\$ Milhões – FOB) – 3º Trimestre 2015-2016



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

Exportações

As exportações cearenses registraram crescimento de 33,79%, no terceiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período em 2015, influenciado, principalmente, pelo forte crescimento nas vendas externas de produtos metalúrgicos (408,5%) e combustíveis minerais (2.000%), apesar da queda nas exportações de Têxteis (-15,16%) e Couros e peles (-3%).

A pauta de exportação cearense no terceiro trimestre de 2016 continuou sendo liderada pelas vendas de calçados e suas partes, que representou 19,55% do total exportado pelo Estado, totalizando o valor de US\$ 69,5 milhões. Porém, com relação ao terceiro trimestre de 2015, houve perda de participação, apesar de ter aumentado as exportações em quase US\$ 3 milhões.

Produtos metalúrgicos ocuparam o segundo lugar na pauta das exportações, com valor de aproximadamente US\$ 42,1 milhões e com participação de 11,85% do total da pauta de vendas no terceiro trimestre de 2016, tomando a posição que no mesmo período do ano passado pertencia ao grupo Couro e Peles. Isto se deveu, principalmente, ao elevado crescimento nas exportações (408,54%).

Castanha de caju encontra-se no sexto lugar na pauta. As vendas externas desse produto cresceram 27,79% em relação ao mesmo período de 2015, gerando uma receita de US\$ 26,6 milhões, participando com 7,77% do total exportado pelo Ceará no terceiro trimestre do ano (Tabela 6.1).

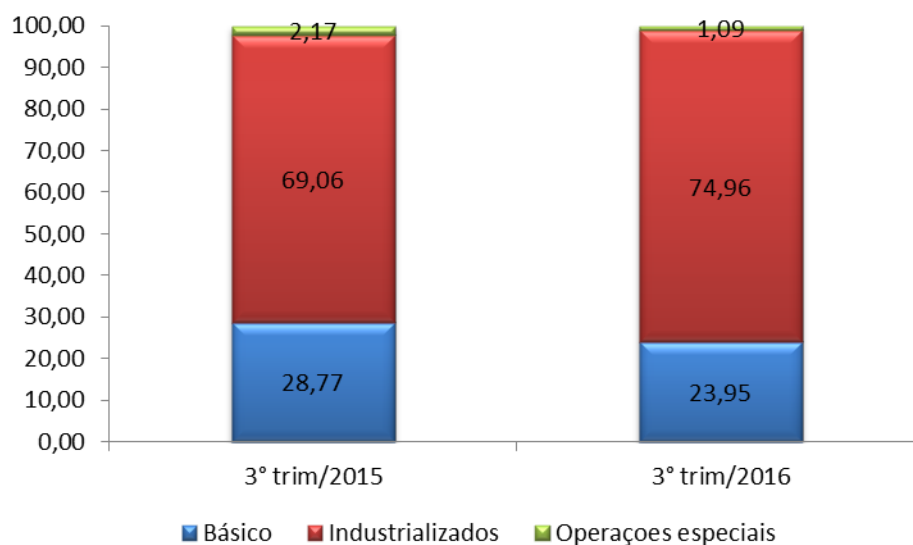
Tabela 6.1: Principais produtos exportados – 3º trimestre – 2015-2016 (US\$ FOB)

Principais Produtos	3º trim 2015		3º trim 2016		Var. (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part. %	US\$ FOB	Part. %	
Calçados e suas partes	66.495.431	25,04	69.469.653	19,55	4,47
Produtos metalúrgicos	8.274.894	3,12	42.081.558	11,85	408,54
Couros e Peles	36.544.050	13,76	35.448.831	9,98	-3,00
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	15.787.075	5,95	31.355.534	8,83	98,62
Frutas (exceto castanha de caju)	25.719.023	9,69	29.268.657	8,24	13,80
Castanha de caju	21.591.876	8,13	27.592.483	7,77	27,79
Preparações alimentícias diversas	18.954.689	7,14	27.442.880	7,72	44,78
Combustíveis minerais	1.002.358	0,38	21.058.861	5,93	2000,93
Lagosta	19.370.413	7,29	18.858.992	5,31	-2,64
Têxteis	14.157.432	5,33	12.011.125	3,38	-15,16
Demais Produtos	37.636.742	14,17	40.675.764	11,45	8,07
Ceará	265.533.983	100,00	355.264.338	100,00	33,79

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Fator Agregado

A participação das exportações de produtos industrializados no terceiro trimestre de 2016 foi de 74,96%, acima da observada no mesmo período de 2015. Já as exportações de produtos básicos representaram 24,% do total no terceiro trimestre de 2016, totalizando um valor de US\$ 85,1 milhões. (Gráfico 6.2).

Gráfico 6.2: Participação das Exportações Cearenses por Fator Agregado (%) – 3º trimestre 2015-2016

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Destinos

O Estado do Ceará exportou no terceiro trimestre de 2015 em torno de US\$ 265,5 milhões, enquanto no mesmo período em 2016 exportou em torno de US\$ 355,3 milhões, significando um crescimento de 33,8%.

Dentre os principais destinos, os Estados Unidos (EUA) continuam tendo a maior participação do total exportado pelo Ceará. No terceiro trimestre de 2015 os EUA participavam com 24,96% do total exportado pelo Ceará, proporcionando uma receita de US\$ 66,3 milhões. Embora no terceiro trimestre de 2016 tenham perdido um pouco de participação, apresentaram crescimento de 26,4% com relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dos principais países que importam produtos cearenses, cabe também destacar a Turquia, que importou US\$ 120,3 mil, no terceiro trimestre de 2015, e, no mesmo trimestre de 2016, ampliou para US\$ 8,6 milhões, registrando um impressionante crescimento de 7.029,64% em apenas um ano. Também cabe destacar a expansão das importações de Taiwan (Formosa), cuja taxa de crescimento foi de 1.258,6% no mesmo período.

Tabela 6.2: Principais Destinos das Exportações – 3º Trimestre de 2015-2016 (US\$ FOB)

Principais Países	3º trim 2015		3º trim 2016		Var. (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part. %	US\$ FOB	Part. %	
Estados Unidos	66.277.440	24,96	83.772.077	23,58	26,40
Argentina	21.063.646	7,93	48.608.435	13,68	130,77
Alemanha	21.125.651	7,96	31.449.960	8,85	48,87
Países Baixos (Holanda)	19.840.136	7,47	20.365.853	5,73	2,65
Taiwan (Formosa)	1.297.620	0,49	17.629.808	4,96	1258,63
Hungria	10.586.157	3,99	15.101.854	4,25	42,66
Reino Unido	14.913.026	5,62	13.723.155	3,86	-7,98
Itália	8.938.314	3,37	10.126.151	2,85	13,29
Turquia	120.259	0,05	8.574.033	2,41	7029,64
Colômbia	6.714.963	2,53	6.954.388	1,96	3,57
Demais Produtos	94.656.771	35,65	98.958.624	27,85	4,54
Ceará	265.533.983	100,00	355.264.338	100,00	33,79

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE

Importações

As importações cearenses tiveram um crescimento de 39,8% no terceiro trimestre de 2016 em relação ao mesmo período de 2015, apesar da queda das importações de alguns produtos importantes da pauta como Combustíveis Minerais (-19,1%) e produtos químicos (-10%) (Tabela 6.3).

O grupo de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos obteve um crescimento nas importações de 370,36%, passando de US\$ 99,1 milhões no terceiro trimestre de 2015, para US\$ 444 milhões no mesmo período de 2016. Com esse resultado, o grupo passou de uma participação de 16,37% no terceiro trimestre de 2015, onde se encontrava em segundo lugar, para o primeiro lugar, com participação de 55,11%, do total importado no terceiro trimestre de 2016. Esse elevado aumento está relacionado com o começo do funcionamento da Companhia Siderúrgica do Pecem (CSP).

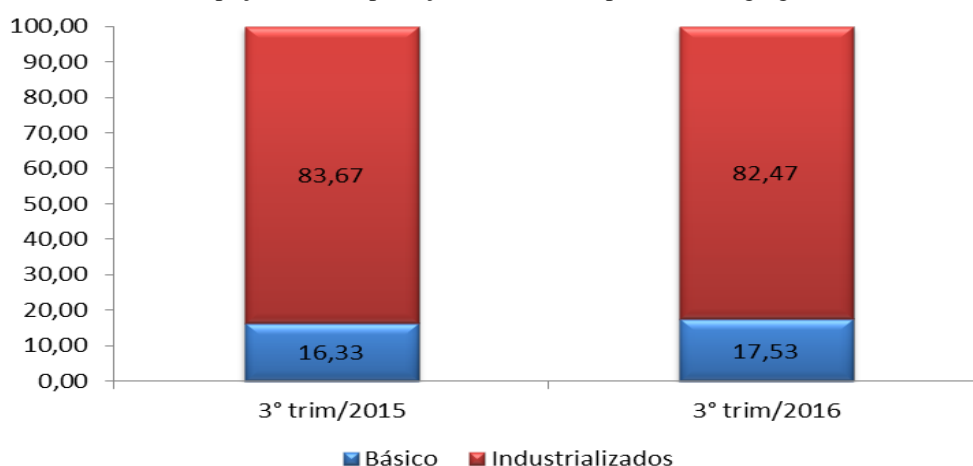
Tabela 6.3 - Principais Produtos Importados (US\$ FOB) – 3º Trimestre 2015-2016

Principais Produtos	3º trim 2015		3º trim 2016		Var. (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part. %	US\$ FOB	Part. %	
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	99.079.291	16,37	466.026.500	55,11	370,36
Combustíveis Minerais	132.341.218	21,87	107.061.046	12,66	-19,10
Produtos químicos	67.632.189	11,17	60.866.362	7,20	-10,00
Trigos e mistura de trigo com centeio	43.338.024	7,16	53.636.381	6,34	23,76
Têxteis	39.641.133	6,55	40.919.642	4,84	3,23
Produtos metalúrgicos	69.037.730	11,41	31.930.370	3,78	-53,75
Plásticos e suas obras	16.922.463	2,80	16.012.511	1,89	-5,38
Óleos de dendê	11.277.187	1,86	11.901.639	1,41	5,54
Veículos, tratores, ciclos e outros veículos terrestres	5.870.737	0,97	6.082.002	0,72	3,60
Aparelhos médicos, ópticos e precisão	6.779.562	1,12	5.617.519	0,66	-17,14
Demais Produtos	113.308.531	18,72	45.613.806	5,39	-59,74
Ceará	605.228.065	100,00	845.667.778	100,00	39,73

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.

Fator Agregado

Com relação à importação por fator agregado, observou-se que no período analisado a pauta importadora do estado continuou composta, principalmente, por produtos industrializados, apesar da pequena redução no terceiro trimestre de 2016 em relação ao terceiro trimestre de 2015. Em contrapartida os produtos básicos tiveram uma pequena elevação em termos de participação nas importações cearenses, passando de 16,33% no terceiro trimestre de 2015 para 17,53% no terceiro trimestre de 2016 (Gráfico 6.3).

Gráfico 6.3: Participação das Importações Cearenses por Fator Agregado (%) – 3º trimestre (2015-2016)

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Origens

A China foi o principal fornecedor de produtos importados pelo Ceará no terceiro trimestre de 2015 participando com 25,61% do total dos produtos importados. Porém, no terceiro trimestre de 2016, as importações representaram aproximadamente US\$ 135,2 milhões, apresentando

uma redução de 15,20% em relação ao trimestre anterior, passando a 8,07% do total importado pelo Ceará no terceiro trimestre de 2016.

A Coreia do Sul passou de 3,92% de participação no total dos produtos importados pelo Ceará no terceiro trimestre em 2015, localizando-se na quinta colocação, para uma participação nas importações cearenses de 13,66%, com crescimento de 838,4%, em apenas um ano.

Cabe também destaque a Áustria, que, no terceiro trimestre de 2015, tinha uma pequena participação (0,81%) no total das importações cearenses em torno de US\$ 5 milhões; por sua vez, no terceiro trimestre de 2016, a sua participação nas importações cearenses alcançaram 8,5%, a segunda maior participação, no qual o Ceará importou US\$ 142,6 milhões nesse período, um crescimento de 2.728,93%.

Tabela 6.4: Principais Origens dos Produtos Importados (US\$ FOB) – 3º Trimestre - 2015-2016

Principais Países	3º trim 2015		3º trim 2016		Var. (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part.%	US\$ FOB	Part.%	
Coreia do Sul	24.378.899	3,92	228.776.218	13,66	838,42
Áustria	5.039.565	0,81	142.565.772	8,51	2728,93
China	159.404.427	25,61	135.169.599	8,07	-15,20
Estados Unidos	30.653.266	4,93	81.413.086	4,86	165,59
Colômbia	42.732.598	6,87	44.085.318	2,63	3,17
Argentina	39.477.175	6,34	30.626.353	1,83	-22,42
Austrália	4.270.079	0,69	26.480.967	1,58	520,15
Japão	1.012.841	0,16	19.352.048	1,16	1810,67
Nigéria	0	0,00	16.964.300	1,01	-
Alemanha	18.452.637	2,96	14.452.505	0,86	-21,68
Demais Produtos	622.400.557	100,00	1.675.193.420	100,00	169,15
Ceará	622.400.557	100,00	1.675.193.420	100,00	169,15

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.

7 FINANÇAS PÚBLICAS

As “Receitas Totais” do Governo do Ceará, no terceiro trimestre de 2016, apresentaram um crescimento de apenas 0,3%, quando comparadas a idêntico período do ano anterior, como pode ser observado na Tabela 7.1. Por sua vez, as “Receitas de Capital” caíram 36,3%, quando comparadas a idêntico período do ano anterior, influenciadas pela significativa redução da rubrica “Operações de Crédito”. Já no acumulado do ano é possível observar que houve um incremento, de 0,3%, nas “Receitas Totais” do Governo cearense, sendo o destaque negativo a queda de 12,7% das “Receitas de Capital” do Estado até o final do terceiro trimestre de 2016.

Tabela 7.1: Receitas do Governo Estadual no Terceiro trimestre de 2015 e 2016 (R\$1.000,00 de 3º trim. 2016)

Descrição	3º Trim.					Acumulado				
	2015		2016		Var (%)	2015		2016		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Receitas correntes	4.608.606	85,4	4.867.018	89,9	5,6	15.115.797	88,4	15.285.943	89,1	1,1
Receita tributária	2.717.654	50,3	2.816.015	52,0	3,6	8.472.527	49,5	8.606.413	50,2	1,6
Transferências correntes	1.516.369	28,1	1.471.575	27,2	-3,0	5.585.082	32,7	5.220.010	30,4	-6,5
Outras receitas correntes	374.584	6,9	579.428	10,7	54,7	1.058.188	6,2	1.459.520	8,5	37,9
Receitas de capital	505.933	9,4	322.123	6,0	-36,3	1.295.805	7,6	1.131.657	6,6	12,7
Operações de crédito	402.534	7,5	282.810	5,2	-29,7	979.746	5,7	846.092	4,9	13,6
Outras receitas de capital	103.400	1,9	39.313	0,7	-62,0	316.059	1,8	285.565	1,7	-9,6
Receitas intraorçamentárias	283.415	5,3	222.386	4,1	-21,5	693.890	4,1	734.296	4,3	5,8
Total geral	5.397.954	100,0	5.411.527	100,0	0,3	17.105.492	100,0	17.151.897	100,0	0,3
Receita corrente líquida	3.755.287	69,6	3.835.877	70,9	2,1	12.386.129	72,4	12.651.856	73,8	2,1

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração: IPECE.

Obs: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre.

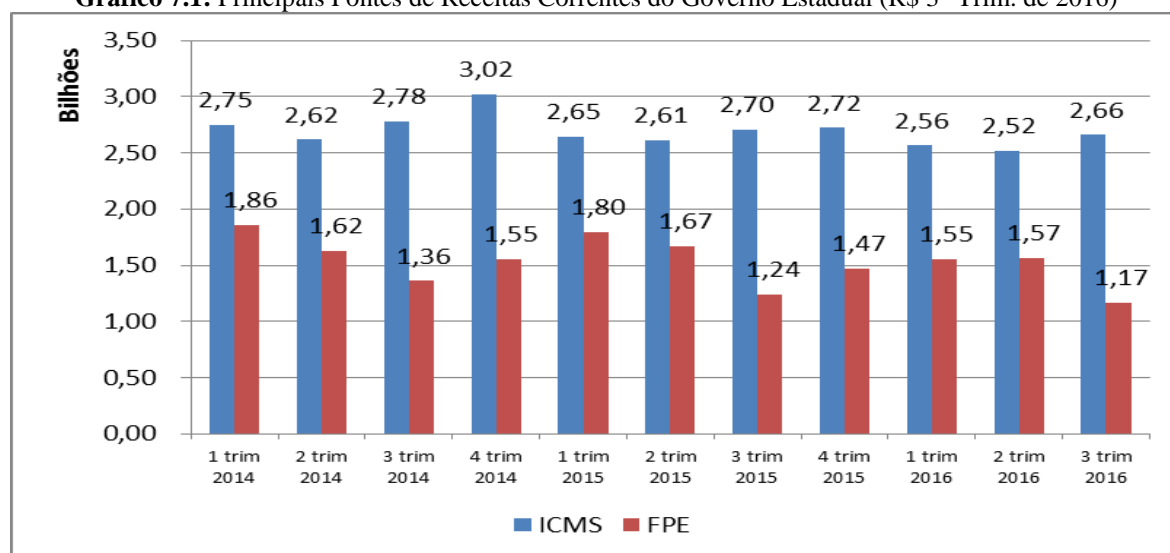
As “Receitas Correntes” cresceram 5,6% no terceiro trimestre de 2016, com as receitas de “Transferências Correntes” caindo 3,0% e as “Receitas Tributárias” crescendo 3,6%. Já no acumulado do ano, constata-se que as “Receitas Tributárias” cresceram 1,6% e as de “Transferências Correntes” decresceram 6,5%. Nesse sentido, é possível afirmar que o fraco desempenho do Governo Federal, na arrecadação tributária de 2016, tem afetado negativamente as finanças públicas do Estado do Ceará, dado o menor volume de receitas transferidas para o Estado. Outro destaque foi o significativo crescimento, no acumulado de 2016, da rubrica “Outras Receitas Correntes” de 37,9%, sendo uma explicação para esse fato o uso de depósitos judiciais, fato constatado nos primeiro e segundo trimestres de 2016.

Já as “Receitas Correntes Líquidas”, que é um importante indicador das finanças públicas de um estado, apresentaram, no segundo trimestre de 2016 e no acumulado do ano, crescimento

de 2,1%. Esse comportamento das “Receitas Correntes Líquidas”, no ano de 2016, representa uma importante reversão, comparativamente a 2015, quando registrou uma queda de 3,4%, no ano.

Entre as principais receitas do Governo cearense estão às receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento são apresentados no Gráfico 7.1. Por esse Gráfico é possível constatar que as receitas de ICMS, no terceiro trimestre de 2016, cresceram com relação ao trimestre anterior, embora tenham caído, aproximadamente, R\$ 44 milhões quando comparadas com o mesmo trimestre de 2015. Já as receitas do FPE caíram com relação ao mesmo trimestre do ano anterior e ao trimestre imediatamente anterior.

Gráfico 7.1: Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual (R\$ 3º Trim. de 2016)



Fonte: Sefaz. Elaboração: IPECE.

Assim, relativamente às receitas do Governo cearense, continua sendo necessário um acompanhamento criterioso de sua evolução a fim de evitar-se um descontrole das contas estaduais.

Observando-se o comportamento das despesas do Governo Estadual, é possível constatar, na Tabela 7.2, que as “Despesas Correntes” apresentaram uma queda de 1,9%, quando se compara o terceiro trimestre de 2016 com idêntico período de 2015, observando-se que as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” tiveram uma significativa queda de 10,5%, entre os dois períodos. Já no acumulado do ano, as “Despesas Correntes” de 2016 estão, praticamente, no mesmo nível que de 2015, enquanto as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” caíram 4,9%. Uma possível explicação para essa queda da “Despesa com Pessoal”

foi o fato de não ter havido a revisão salarial dos servidores públicos do Estado no ano de 2016.

Tabela 7.2: Despesas do Governo Estadual no Terceiro trimestre de 2015 e 2016 (R\$1.000,00 de 3º trim. 2016).

Descrição	3º Trim					Acumulado				
	2015		2016		Var (%)	2015		2016		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
Despesas correntes	5.114.584	86,4	5.018.821	86,5	-1,9	14.414.211	86,3	14.379.205	86,5	-0,2
Pessoal e encargos sociais	2.851.123	48,1	2.551.030	44,0	-10,5	7.992.022	47,9	7.603.226	45,7	-4,9
Juros e encargos da dívida	115.334	1,9	93.387	1,6	-19,0	340.206	2,0	331.199	2,0	-2,6
Outras despesas correntes	2.148.127	36,3	2.374.404	40,9	10,5	6.081.983	36,4	6.444.780	38,7	6,0
Despesas de capital	807.197	13,6	781.715	13,5	-3,2	2.280.323	13,7	2.253.496	13,5	-1,2
Investimentos	584.022	9,9	511.240	8,8	-12,5	1.652.518	9,9	1.440.666	8,7	-12,8
Amortizações	185.164	3,1	180.227	3,1	-2,7	537.400	3,2	628.436	3,8	16,9
Inversões financeiras	38.011	0,6	90.248	1,6	137,4	90.406	0,5	184.394	1,1	104,0
Reserva de contingência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total geral	5.921.781	100,0	5.800.536	100,0	-2,0	16.694.535	100,0	16.632.701	100,0	-0,4

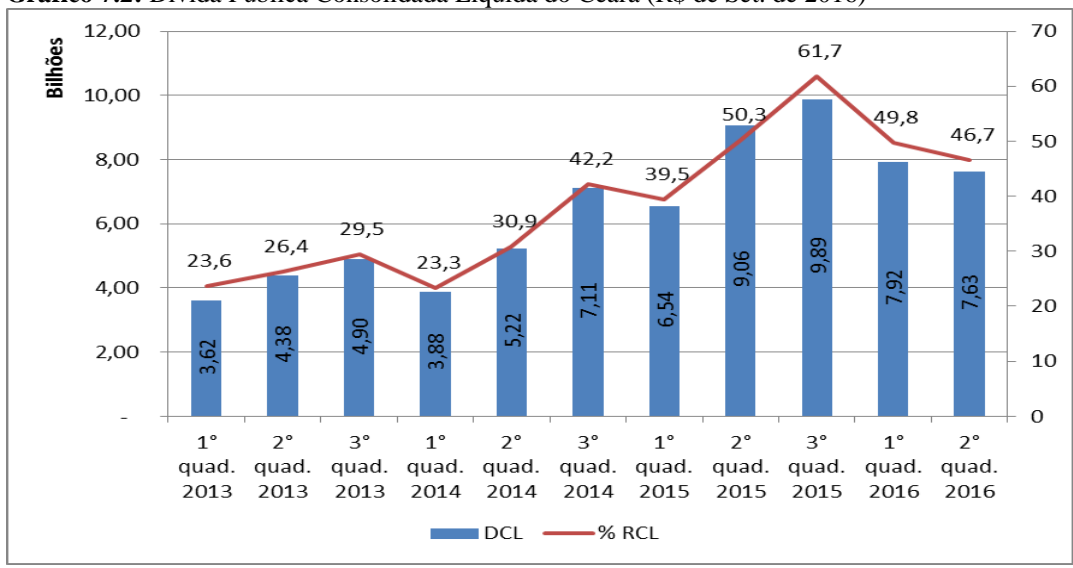
Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração: IPECE.

Obs: Corrigido pela média do IPCA do segundo trimestre.

Já o pagamento de “Juros e Encargos da Dívida” caíram 19%, no terceiro trimestre de 2016, e 2,6%, no acumulado do ano. Já as “Despesas de Capital” caíram, entre os dois períodos em análise, 3,2%, destacando-se a queda de 12,5% nos “Investimentos” do Governo Estadual. No acumulado do ano de 2016, as “Despesas de Capital” apresentaram redução de 1,2%, devendo-se destacar a redução de 12,8% nos investimentos e crescimento de 104% das “Inversões Financeiras”.

Por fim, o Gráfico 7.2 apresenta a evolução do comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” do Ceará. Nesse gráfico, é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de crescimento do primeiro quadrimestre de 2013 ao primeiro quadrimestre de 2016, já nos dois últimos quadrimestres houve uma queda da dívida líquida do Estado de, aproximadamente, R\$ 2,3 bilhões. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representava 46,7% da Receita corrente líquida, no segundo quadrimestre de 2016.

Gráfico 7.2: Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Set. de 2016)



Fonte: STN/SISTN. Elaboração: IPECE.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estimativa de crescimento da economia mundial para o ano de 2016 é de 3,1%, conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2016. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

Na economia brasileira, os resultados trimestrais seguem com desempenho negativo. Nesse terceiro trimestre de 2016, o recuo foi de -0,8% em relação ao trimestre anterior. Destaca-se que tanto os grandes setores do lado da oferta como os componentes da absorção e setor externo apresentaram desempenho negativo.

A economia cearense, no terceiro trimestre de 2016 com relação ao mesmo período de 2015, registrou uma queda de 1,23%, apresentando uma queda bem inferior ao registrado no terceiro trimestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014, onde verificou-se um decréscimo de 7,22%.

Em termos de desempenho setorial, o setor agropecuário cearense vem sentido fortemente o efeito da seca, que já se prolonga por cinco anos, cujos efeitos se manifestam com a grave situação hídrica, solos cada vez mais seco e rachado e forte queda na produtividade das atividades do setor.

Atualmente os reservatórios de água do Ceará somam um volume de 1.694 milhões de metros cúbicos, o equivalente apenas a 9,09% da capacidade do Estado. As chuvas no ano de 2016 não foram suficientes para melhorar a capacidade dos reservatórios

Estimativas realizadas pela LSPA/IBGE revelam queda na produção de grãos de 14,11% em 2016, relativamente à obtida em 2015. Destaque para a redução na produção das culturas de arroz, que foi de -37,54%, feijão (-14,44%) e milho (-9,49%). Vale lembrar que a produção de grãos do Ceará no ano de 2015 já foi uma das menores nos últimos vinte anos.

Por outro lado, a produção de frutas em 2016 indica bons resultados para quase todas as culturas, destacando o coco-da-baía, com crescimento de (62,61%), castanha-de-caju (53,83%), goiaba (33,07%) e mamão (30,60%), todas da lavoura permanente. Já as plantações de melão, melancia e abacaxi, que são na maioria plantio de irrigação, indicam queda na produção. Essa diminuição deve-se a menor área plantada tendo em vista que houve redução na concessão de água para as áreas.

Na indústria de transformação cearense, o resultado do terceiro trimestre amarga o décimo período de queda seguida na produção. Nos meses de julho a setembro, a atividade apresentou

uma retração de 3,1% em relação ao mesmo período de 2015. Com os últimos números, a manufatura no Estado acumula dois anos e meio de redução consecutiva na produção.

Assim como o resultado observado no trimestre anterior, o desempenho do terceiro trimestre, embora negativo, aponta para uma redução do ritmo de queda em relação aos trimestres anteriores. Por outro lado, é preciso considerar que os últimos números ocorrem sobre uma base de comparação já fortemente negativa, o que revela a gravidade do quadro atual. Embora os números indiquem uma diminuição na velocidade da queda na produção, a realidade continua sendo de encolhimento da atividade industrial.

No resultado acumulado do ano, entre as quatorze unidades com levantamento, apenas Mato Grosso, com expansão de 5,0%, ainda preserva crescimento da produção industrial em 2016. Todas as demais unidades da federação registraram diminuição da produção no ano em comparação com 2015. Entre estas, destaque para Amazonas (-14,3%), Pernambuco (-12,7%) e Rio de Janeiro (-8,8%).

No que tange ao varejo, nota-se que tanto o varejo comum (-6,7%) quanto o varejo ampliado cearense (-10,1%) registraram queda no 3º trimestre de 2016 na comparação com o mesmo trimestre do ano passado. O Brasil, por sua vez, apresentou nesse mesmo período queda levemente inferior.

Com relação ao acumulado do ano, tanto o varejo comum cearense (-6,7%) quanto o nacional (-6,5%) apresentaram quedas ainda mais significativas do que aquelas registradas no ano de 2015. Ademais, resultados ainda piores foram observados no varejo ampliado cearense (-11,4%) e nacional (-9,2%). Convém ressaltar que a forte queda nas vendas do varejo ampliado cearense ocorreu a partir de meados de 2015, intensificando-se ao longo do ano de 2016.

Os resultados dos grandes setores são refletidos no mercado de trabalho. Do terceiro trimestre do ano passado para o terceiro trimestre de 2016 a taxa de desemprego (TD) do Ceará cresceu 3,5 pontos percentuais e a do Brasil apenas 2,9 pontos percentuais, o que mostra que o volume de desempregados no Ceará vem aumentando em uma velocidade muito maior.

No aspecto conjuntural, essa tendência de aumento do desemprego ficou clara desde o primeiro trimestre de 2015 quando a recessão iniciada no segundo trimestre de 2014 refletiu em uma maior escalada do desemprego. Em particular, na virada do segundo para o terceiro trimestre de 2016 o Brasil cresceu 0,5 pontos percentuais na TD, saltando de 11,3% para 11,8%. O Ceará, por sua vez, cresceu 1,7 pontos percentuais, mais de três vezes que a TD do Brasil.

A geração de vagas de trabalho com carteira assinada na economia cearense observada nos últimos dois meses não foi o suficiente para garantir que o 3º trimestre de 2016 apresentasse

um saldo positivo de empregos em função da forte destruição de postos de trabalho em julho do mesmo ano (em torno de 4.609 vagas), resultando em um saldo negativo trimestral de 3.496 vagas, levemente inferior ao observado em igual trimestre de 2015 (4.042 vagas).

Até o ano de 2014 o terceiro trimestre sempre foi responsável por boa parte da criação de novos postos de trabalho na economia cearense e nacional, mudando-se completamente este quadro nos últimos dois anos. No acumulado até o 3º trimestre do ano de 2016, foram destruídos 28.295 vagas, aproximadamente o dobro do fechamento de postos de trabalho em igual período de 2015.

Vale destacar a persistência acentuada de perda de vagas de trabalho na construção civil ao longo do ano de 2016 e na indústria de transformação trimestre após trimestre. O fechamento de vagas nestes setores nos últimos dois anos contrasta com períodos de forte contratação no período de 2012 a 2014.

As exportações cearenses registrou um crescimento de 33,79%, no terceiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período em 2015, influenciado, principalmente, pela forte expansão nas exportações de produtos metalúrgicos (408,5%) e combustíveis minerais (2.000%), apesar da queda nas exportações de têxteis (-15,16%) e couros e peles (-3%).

Dos principais países que importaram do Estado, cabe destacar a Turquia (US\$ 120,3 mil), com um impressionante crescimento de 7.029,64% em apenas um ano, vindo em seguida Taiwan (Formosa), com aumento de 1.258,6% no mesmo período.

O grupo de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos obteve um crescimento nas importações de 370,36%, passando de US\$ 99,1 milhões no terceiro trimestre de 2015, para US\$ 444 milhões no mesmo período de 2016. Com esse resultado, o grupo ampliou sua participação nas importações do Estado, passando de 16,37% no terceiro trimestre de 2015, onde se encontrava em segundo lugar, para 55,11% do total importado neste terceiro trimestre de 2016, assumindo, assim, o primeiro lugar. Esse elevado aumento está relacionado com o começo do funcionamento da Companhia Siderúrgica do Pecem (CSP).

A Coreia do Sul passou de 3,92% de participação no total dos produtos importados pelo Ceará no terceiro trimestre em 2015, para uma participação de 13,66%, com crescimento de 838,4%, em apenas um ano. Cabe também destacar a Áustria, que, no terceiro trimestre de 2015, tinha uma pequena participação (0,81%) e nesse terceiro trimestre de 2016 alcançou 8,5%, a segunda maior, com crescimento de 2.728,93%.

As “Receitas Tributárias” cresceram 1,6% e as de “Transferências Correntes” decresceram 6,5%. Nesse sentido, é possível afirmar que o fraco desempenho do Governo Federal, na

arrecadação tributária de 2016, tem afetado negativamente as finanças públicas do Estado do Ceará, dado o menor volume de receitas transferidas para o Estado.

As “Despesas Correntes”, por outro lado, estão no mesmo nível de 2015 e as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” caíram 4,9%. Uma possível explicação para queda da “Despesa com Pessoal” foi o fato de não ter havido a revisão salarial dos servidores públicos do Estado no ano de 2016. No acumulado do ano de 2016, as “Despesas de Capital” apresentaram redução de 1,2%, devendo-se destacar a redução de 12,8% nos investimentos e crescimento de 104% das “Inversões Financeiras”.

Com relação à dívida, nos dois últimos quadrimestres houve uma queda da dívida líquida do Estado de, aproximadamente, de R\$ 2,3 bilhões. Nesses termos, a dívida pública consolidada líquida representava 46,7% da Receita corrente líquida, no segundo quadrimestre de 2016.